



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**ALBA PATRICIA PASSOS DE SOUSA**

**O ZINIDOR “SILENCIOSO” DAS MULHERES NEGRAS DE FLORIANO-PI**

**FORTALEZA - CE**

**2017**

ALBA PATRICIA PASSOS DE SOUSA

**O ZINIDOR “SILENCIOSO” DAS MULHERES NEGRAS DE FLORIANO-PI**

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação Brasileira,  
Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Ceará.  
Área de Concentração: História e  
Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rui Martinho  
Rodrigues.

# FORTALEZA 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S090z Sousa, Alba Patrícia Passos de.  
O zinidor "silencioso" das mulheres negras de Floriano-PI / Alba Patrícia Passos de Sousa. – 2016.  
93 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.  
Orientação: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues.
1. Educação. 2. Cultura. 3. Mulheres negras. 4. Estereótipo. I. Título.

CDD 370

---

**ALBA PATRICIA PASSOS DE SOUSA**

**O ZINIDOR “SILENCIOSO” DAS MULHERES NEGRAS DE FLORIANO-PI**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Antonio Germano Magalhães Junior  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A todas as mulheres negras Zinidores do  
Município de Floriano- PI

## AGRADECIMENTOS

Enganei-me em achar que escrever era uma tarefa fácil, bastavam apenas algumas horas de leitura e as ideias fluíam, quanto engano. Desenvolver um estudo acadêmico é uma tarefa árdua e muito difícil. Foram muitas horas de leituras e angústias na construção desse texto. Esses meses foram de muito aprendizado pessoal e profissional e, nesse momento, início primeiramente agradecendo a Deus por sua infinita bondade para com os seus filhos, por me conceder a vida e conduzir nessa trajetória de muitas incertezas.

A minha família que me motiva nessa caminhada tão difícil, sou grata por me “suportarem” durante esse tempo, aguentando meus momentos de irritação. Penso que foi tarefa bem difícil. Mas foi por eles que não desisti. Aos poucos e verdadeiros amigos que não citarei nomes, mais sabem que moram no meu coração. Muito obrigada pela força e torcida.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de mestrado durante essa jornada de qualificação profissional, que me possibilitou dedicação exclusiva no momento de cursar as disciplinas. Igualmente agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela oportunidade e aprendizados obtidos.

Agradeço a todos que fazem parte da linha História e Memória da educação – NHIME. Aos meus mestres por compartilharem o riquíssimo conhecimento;

Agradeço ao professor José Gerardo Vasconcelos pela oportunidade e incentivo nessa caminhada.

Agradeço a minha banca de qualificação composta pelos professores Doutores: Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Antonio Germano Magalhães Junior e Antônio Roberto Xavier pelas contribuições valiosas na construção desse estudo.

E em especial agradeço ao meu orientador Professor Doutor Rui Martinho Rodrigues pelos conhecimentos que foram compartilhados, pela atenção no momento das minhas aflições, pelas as palavras certas no momento certo. Agradeço de todo o meu coração pela confiança em está comigo na construção desse estudo.

Muito obrigada!

*“A natureza dos homens é a mesma,  
são os seus hábitos que os mantêm  
separados”. (Confúcio)*

## RESUMO

O presente estudo tem como enfoque os conhecimentos da mulher negra a partir da modalidade educação não intencional informal, pois a mesma alcança vários aprendizados do cotidiano que são influenciados e repassados através do meio cultural e social do indivíduo. É bem verdade que as ideias as quais permeiam o termo educação estão entremeados de fatores ideológicos, religiosos e culturais que exercem influência no ambiente sociocultural da pessoa. Desse modo investigamos como a educação informal contribuiu para a construção de uma cultura da mulher negra do bairro Irapuá II. Nos estudos da Saffioti (1987) apontam que a mulher negra é vítima de preconceito triplo, uma vez que são discriminadas, em relação ao gênero, por homens negros e brancos. São discriminações por serem negras ou pertencerem a grupos étnicos, além disso sofrem preconceitos por estarem situadas geograficamente em regiões marginalizadas. Assim, a fundamentação metodológica da pesquisa baseia-se em Weber (1992) para entender o método compreensivo; para interpretar as narrativas, utilizamos o Geertz (2008), já que nosso estudo é de cunho etnográfico. A pesquisa é de abordagem qualitativa, então, seguimos as orientações de Bauer e Gaskell (2008), para falarmos sobre memória, como fonte, usamos Halbwachs (1968) e Xavier (2010). Quando falamos de narrativas seguimos o pensamento de Tuchman (1991). Usamos a fotografia como fonte, então, utilizamos as recomendações de Loizos (2011). Em relação aos instrumentos utilizados na pesquisa, usamos como aporte teórico Ferrarotti (2014) e Lakatos (2003). Nossa fundamentação teórica é a luz da Saffioti (1987), Louro (2003) na discussão da mulher enquanto gênero. Quando nos referimos a educação, construímos o texto a partir das compreensões de Romanelli (1986), Gadotti (2008,) Farias Filho (2000), assim como o entendimento em relação à educação informal pelas pesquisas de Gohn (2010), Libâneo (2010) e Durkheim (2007). Ainda aludimos a uma discussão sobre pertencimento, identidade e identificação, tendo como o aporte teórico se Bauman (2005), Bezerra de Menezes (2000), Hall (1997) Martinho Rodrigues (2014) e Levi Strauss (1993). E, com o intuito de termos uma maior compreensão sobre o termo cultura, seguimos o pensamento antropológico de Geertz (2008) e Laraia (1986). Utilizamos outros autores na construção desse trabalho. Os resultados encontrados nos silêncios do processo educacional que foram negadas, aos estereótipos que foram construídos, as discriminações que sofreram, mesmo sem perceber pela questão da cor da pele e pela origem de lugar. Um silêncio em uma sociedade que segrega os atores sociais por sua condição financeira, política e cultural.

**Palavras Chaves:** Educação. Cultura. Mulheres negras. Estereótipo.

## ABSTRACT

The present study focuses on black women's knowledge from the informal unintentional education modality, as it reaches several everyday learning that is influenced and shared through the individual's cultural and social environment. It is true that the ideas related to the term education are interspersed with ideological, religious and cultural factors that influence the socio-cultural environment of the person. In this way we investigate how the informal education contributed to the construction of a culture of black women from Irapuá II neighborhood. Studies Saffioti (1987) indicate that black women are victims of triple prejudice, since they are discriminated in relation to their gender, by black and white men; they are discriminated for being black or belonging to ethnic groups; and beside that, they suffer prejudices because they are geographically located in marginalized regions. Thus, the methodological basis of the research is based on Weber (1992) to understand the comprehensive method; to interpret the narratives, we used Geertz (2008), since our study is ethnographic. The research is qualitative, so we follow the guidelines of Bauer and Gaskell (2008); to talk about memory as a source, we used Halbwachs (1968) and Xavier (2010). When we speak of narratives, we follow the thought of Tuchman (1991). We used photography as a source, so we used the recommendations of Loizos (2011). In relation to the instruments used in the research, we used as theoretical contribution Ferrarotti (2014) and Lakatos (2003). Our theoretical foundation is the light of Saffioti (1987), Louro (2003) in the discussion of women as a gender. When we refer to education, we construct the text from the understandings of Romanelli (1986), Gadotti (2008) Farias Filho (2000), as well as the understanding of informal education by Gohn (2010), Libâneo (2010) and Durkheim (2007). We still refer to a discussion about belonging, identity and identification, with the theoretical contribution from Bauman (2005), Bezerra de Menezes (2000), Hall (1997) Martinho Rodrigues (2014) and Levi Strauss (1993). And, in order to have a better understanding of the term culture, we follow the anthropological thinking of Geertz (2008) and Laraia (1986). We used other authors in the construction of this work. The results we found in the silences of the educational process that were denied, the stereotypes that were constructed, the discriminations that were suffered, even without perceiving by the question of skin color and the origin of place. A silence in a society that segregates the social actors by their financial, political and cultural conditions.

**Keywords:** Education. Culture. Black women. Stereotype.

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DNA – Ácido Desoxirribonucleico

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

UESPI- Universidade Estadual do Piauí

**LISTA DE FOTOGRAFIAS**

Fotografia 1.....	47
Fotografia 2.....	49
Fotografia 3.....	49
Fotografia 4.....	51

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Perfil das Participantes.....52

Quadro 2 - Como as mulheres Zinidores se apresentam.....53

**LISTA DE MAPA**

Mapa 1 – Localização do município de Floriano – Piauí.....	58
Mapa 2 – Localização do Bairro Irapuá II no município de Floriano–PI.....	67

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 MULHER NEGRA: IDENTIDADE, IDENTIFICAÇÕES E PERTENCIMENTO .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Gênero e o trabalho doméstico .....</b>	<b>20</b>
2.1.1 A mulher negra.....	23
<b>2.3 A educação formal impulsionada pelo capitalismo industrial após 1930 ...</b>	<b>26</b>
2.3.1 Educação uma construção subjetiva a partir do conhecimento informal .....	30
<b>2.4 Da identidade a Ideia de pertencimento ou identificação.....</b>	<b>32</b>
<b>2.5 História ou histórico da Cultura .....</b>	<b>36</b>
2.5.1 Cultura Subjetiva ou Objetiva? .....	39
<b>3 DIMENSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 O Método de Estudo.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 O problema da pesquisa .....</b>	<b>44</b>
<b>3.3 Objetivos.....</b>	<b>44</b>
<b>3.4 Revisão de literatura .....</b>	<b>45</b>
<b>3.5 Coleta de dados e instrumentos utilizados .....</b>	<b>46</b>
2.5.1 Um olhar sobre o bairro .....	46
3.5.2 Entrevistas Narrativas .....	50
<b>3.6 O cenário da pesquisa .....</b>	<b>51</b>
<b>3.7 Sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>52</b>
3.7.2 Como as mulheres Zinidores se apresentam .....	53
<b>3.8 Análise e interpretação dos dados da Pesquisa.....</b>	<b>55</b>
<b>4 PERFIL HISTÓRICO FISIAGRÁFICO DE FLORIANO – PI .....</b>	<b>58</b>
<b>4.1 Da colônia Imperial ao título de princesa do Sul .....</b>	<b>58</b>
<b>4.1 A discriminação baseado no estereótipo e a origem do lugar.....</b>	<b>61</b>
<b>4.2 As espacialidades e temporalidades no bairro Irapuá II.....</b>	<b>64</b>
<b>5 ESCUTANDO VOZES, INTERPRETANDO NARRATIVAS.....</b>	<b>68</b>

<b>5.1 Educação e trabalho uma cultura construída na relação das mulheres negras zinidores do bairro Irapuá II .....</b>	<b>68</b>
<b>5.2 Casamentos endogâmicos .....</b>	<b>75</b>
<b>5.3 Origem de lugar .....</b>	<b>78</b>
<b>5.4 Zinidor .....</b>	<b>81</b>
<b>5.5 As mulheres e o preconceito pela cor da pele .....</b>	<b>84</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89<u>9</u></b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92<u>2</u></b>
<b>ANEXOS.....</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Acreditamos que a educação ultrapassa o ensino de competências ou habilidades, é mais do que incluir pessoas em uma sociedade tão excludente e cada vez mais desigual. O Zinidor “silencioso” das mulheres negras em Floriano-PI demonstra que através das conversas altas, dos barulhos emitidos pela voz dessas mulheres, muitas palavras não foram ditas e nem ouvidas. Esse trabalho emergiu no âmbito da modalidade educação não intencional informal, pois entendemos que conhecimentos adquiridos através das experiências são bastante significativos, influenciam e são repassados pelo sujeito através do meio cultural e social que fazem parte. Entendemos que as ideias, as quais permeiam o termo educação estão entremeadas de fatores ideológicos, religiosos e culturais que exercem influência na formação pessoal do sujeito.

O presente estudo tem como objetivo geral, Investigar como a educação informal contribuiu para a construção de uma cultura da mulher negra do bairro Irapuá II. Para nortear nosso objeto de estudo, estabelecemos como objetivos específicos: Reconhecer o processo histórico de construção da identidade, identificação e pertencimento da mulher negra no Brasil; descrever o perfil histórico e Fisiográfico de Floriano – PI, como também do Bairro Irapuá II e caracterizar o processo de identificação de mulheres negras a partir da cultura construída pelos aprendizados espontâneos no bairro Irapuá II.

A escolha do objeto de estudo partiu primeiramente da pesquisadora que tinha inquietações em relação ao processo de identificação com a imagem de mulheres negras, questionamentos em relação ao cabelo, cor, modo de ver e perceber as coisas, como também buscar entender como a educação influencia na cultura da mulher negra. As motivações se intensificaram a partir da experiência como supervisora de estágio no ano de 2015 da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, em uma escola do bairro Irapuá II. A realidade educacional da escola chamou-me atenção pelo fato da maioria das crianças serem negras. Acredito que a relevância do estudo está baseada na lei de nº 10.639/2003 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos níveis de ensino (Ensino Fundamental séries iniciais e finais, Ensino Médio e Superior) ressaltando a importância da cultura negra na

formação da sociedade brasileira, que dá oportunidade de compreendermos que somos um país mestiço, e a influência que tivemos na interação de culturas dentro da sociedade brasileira.

Outro ponto que nos motiva a perceber a relevância desse estudo é que Floriano teve início a partir de uma escola para filhos de negros libertos para oferecer ofício, e no histórico sobre a sua formação enquanto município não apresenta a participação do negro nesse processo de emancipação e consolidação do município. Uma vez que a história oficial dá mais destaque à influência árabe na cidade. Assim, entendemos que é importante perceber como se construiu a cultura e foi abstraída pelas mulheres negras que residem no Bairro Irapuá II, como também pelas demais pessoas de etnia diferentes.

Nesse sentido é importante dizermos que vem sendo através das políticas públicas que notamos os avanços no campo educacional, social e econômico na sociedade brasileira. Um avanço tardio em relação à história do povo negro na formação do nosso Brasil, mas de muita relevância no intuito de desmistificar a imagem do negro apresentada até hoje, tanto nos livros didáticos, nos meios virtuais e outras imagens. Da escola à sociedade, dos meios de comunicação à escola, padrões sociais e culturais sendo ditados, no entanto não notamos a valorização das mulheres negras como protagonistas das mudanças sociais e culturais.

Vale ressaltar que utilizamos o termo étnico para os aspectos que incluem principalmente os fatores sociais e culturais, por compreendermos que não existe nenhum problema em reconhecer o sujeito em seu meio social e cultural, de melanina, personalidade e comportamentos diferentes. Percebemos ainda, que biologicamente só exista uma raça a humana, mas é um termo de forte presença, pois muitas pesquisas continuam a usá-lo, o que muitas vezes fica implícito a referência de “raças”: branca, negra, indígena e amarela no Brasil.

Ao se falar de Brasil é necessário lembrarmos que o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) utiliza um sistema de classificação para identificar grupos étnicos, usando os três métodos de identificação racial: autoatribuição, quando o sujeito escolhe o grupo no qual pertence; a heteroatribuição outra pessoa define o grupo que o sujeito faz parte, e a identificação de grandes grupos populacionais serão aquelas pessoas que

derivam de ascendentes como avó, bisavó e utilizam a análise do DNA (ácido desoxirribonucleico) na comprovação. O que não se pode confirmar a exatidão entre a classificação dos sujeitos mediante a utilização desse método. (OSÓRIO, 2003).

Essa forma de classificação baseada no método de autoatribuição e heteroatribuição abre espaço para as discriminações, pois em nossa sociedade os indivíduos não se atentam para a questão da ancestralidade de uma pessoa, se ela é descendente ou não de negro, o que importa é saber se em seu meio relacional a sua aparência se encaixa em algum dessas categorias, para torná-la vítima de discriminações por causa do fenótipo negro. O fenótipo está relacionado aos fatores cor da pele, tipo de cabelo, cor dos olhos entre outros. Por mais que existam equívocos entre as relações de indivíduos e grupos étnicos esses sistemas de classificação muitas vezes enquadram algumas pessoas pelo estereótipo. No intuito de entender essa discussão nossa problemática é Como a educação informal como elemento que contribuiu para a construção de uma cultura da mulher negra do bairro Irapuá II.

A fundamentação teórica da pesquisa no que diz respeito à construção do percurso metodológico baseia-se em Weber (1992), Geertz (2008), Bauer e Gaskell (2008), Halbwachs (1968), Xavier (2010), Tuchman (1991), Loizos (2011), Ferrarotti (2014) e Lakatos (2003). Para a discussão da mulher, enquanto gênero, a base teórica é de Saffioti (1987) e Louro (2003). Teoria sobre educação construímos o texto a partir das compressões de Romanelli (1986), Gadotti (2008) Farias Filho (2000), Gohn (2010), Libâneo (2010) e Durkheim (2007). A discussão sobre pertencimento, identidade e identificação fomos orientados pelo pensamento de Bauman (2005), Bezerra de Menezes (2000), Hall (1997), Martinho Rodrigues (2015) e Levi Strauss (1993). O conceito de cultura é sustentado em Geertz (2008) e Laraia (1986).

Nosso primeiro capítulo: Buscamos caracterizar os caminhos metodológicos da investigação, descrevendo o método que foi escolhido para o estudo, os sujeitos envolvidos na pesquisa, como também, apresentamos o campo de estudo. Descrevemos ainda os procedimentos adotados na construção e organização da análise dos dados.

No segundo capítulo: Traçamos um perfil histórico fisiográfico de Floriano – PI, nele apresentamos um breve histórico da formação do município de Floriano, como também contamos a história do próprio bairro Irapuá II que está localizado no município supracitado, abordaremos ainda nesse capítulo a questão da espacialidade e temporalidade como processo de ocupação e formação de uma comunidade e os preconceitos que vão se construindo enquanto os estereótipos e a origem do lugar.

Nosso Terceiro Capítulo: Apresentamos uma discussão sobre Gênero feminino e a relação da mulher com o trabalho, ainda destacamos a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Entender o gênero feminino em um contexto político, social e econômico de exclusão e preconceito, que tentamos entender a mulher negra como protagonista de mudanças sociais e culturais. Uma cultura construída pela opressão e submissão da mulher em relação ao homem. Os espaços no mercado de trabalho que durante muito tempo fora negado devido uma legitimação de discriminação da mulher no meio social seguida falamos sobre a mulher negra no contexto social brasileiro.

Ao se falar de mulher foi importante fazer uma discussão sobre educação informal no intuito de percebermos a relação com as idéias de identidade, identificação e pertencimento. Os conceitos que apresentamos neste capítulo é baseado em estudos antropológicos dos autores citados.

No quarto capítulo: Escutamos as vozes das participantes e interpretamos as narrativas.

No último Capítulo: Fazemos as considerações finais sobre toda a discussão que foi abordada e os resultados que obtivemos com a pesquisa realizada.

## **2 MULHER NEGRA: IDENTIDADE, IDENTIFICAÇÕES E PERTENCIMENTO**

Nesse capítulo apresentamos uma discussão sobre Gênero feminino e a relação da mulher com o trabalho, ainda destacamos a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Entender o gênero feminino em um contexto político, social e econômico de exclusão e preconceito, que tentamos entender a mulher negra como protagonista de mudanças sociais e culturais. Uma cultura construída pela opressão e submissão da mulher em relação ao homem. Os espaços no mercado de trabalho que durante muito tempo foram negados devido uma legitimação de discriminação da mulher no meio social, em seguida falamos sobre a mulher negra no contexto social brasileiro.

Ao se falarmos de mulher, foi importante fazermos uma discussão sobre educação informal no intuito de percebermos a relação com as ideias de identidade, identificação e pertencimento. O conceito que apresentamos neste capítulo é baseado em estudos antropológicos.

### **2.1 Gênero e o trabalho doméstico**

Ao analisarmos a situação da mulher na sociedade ocidental do século XIX e compararmos com a mulher da sociedade contemporânea é obvio que perceberemos muitas mudanças em relação à maneira de vestir, de se expressar, às atividades profissionais que hoje elas exercem. Alguns tabus foram quebrados e as mulheres foram conquistando os seus espaços, mas mesmo com a evolução dos tempos, a globalização, as tecnologias ainda encontram barreiras em relação à mulher, ou seja, ao gênero feminino. Para Louro (2003, p. 14) “ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História e, mais recentemente, algumas publicações, filmes etc.”.

No Brasil, como em outros países, é perceptível que homens e mulheres não ocupem posições iguais na sociedade, essa situação gera muitas vezes uma desigualdade, quando se refere à divisão do trabalho. A identidade social da mulher foi e é muitas vezes delimitada pelo pensamento da sociedade que segrega no momento de dar atribuições nos papéis em que o homem deve

desenvolver como também a mulher. A educação e socialização dos filhos é, por exemplo, tarefa da mulher, mesmo que ela atue em outra atividade que seja remunerada, fora do lar, ainda assim é tarefa da mulher educar os filhos para viver em e na sociedade. Segundo Saffioti (1987, p. 8) “A sociedade permite a mulher que delegue esta função a outra pessoa da família [...]”. Uma permissão pautada na necessidade da mulher ter que ir trabalhar fora do lar para ganhar o seu sustento e dos seus filhos, ou contribuir na complementação da renda do marido.

Podemos perceber que a vida da mulher vai variar de acordo com a classe social da qual faz parte, uma mulher que é da classe dominante poderia delegar a socialização dos seus filhos, sem precisar ir trabalhar, poderia apenas desfrutar dos momentos ociosos, diferente da mulher que precisa sair do seu lar para trabalhar. Mas, mesmo tendo uma diferença em relação à renda ou diferença de classes entre as mulheres, perante a sociedade é tarefa do gênero feminino cuidar da casa e dos filhos. “A sociedade investe muito na naturalização deste processo, isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico da mulher decorre da capacidade de ser mãe.” (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

Todavia, temos sociedades que vão conceber o dar à luz de modo diferente, pois há tribos indígenas no Brasil em que as mulheres não param suas atividades extraluar, elas dão a luz, tomam banho nas águas do rio, e voltam ao trabalho diário, quem faz o repouso com a dieta é o esposo. Esse é costume que se chama couvade. Essa prática mostra-nos que o parto é apenas entendido pela tribo indígena como uma função natural da mulher e assume maneiras sociais diferentes no espaço e no tempo. As sociedades constituem suas dimensões sociais, culturais e socioculturais, na sociedade homens nascem machos e fêmeas, mas é através da educação que vão receber é que se tornaram mulheres e homens. (SAFFIOTI, 1987)

É importante se perceber a naturalização de um fenômeno sociocultural, em que ouvimos indivíduos falando que é a mulher que se ocupa dos espaços doméstico, enquanto o homem deve estar fora de casa trabalhando para o sustento da família. Ou seja, ocupando outros espaços. As classes dominantes elas querem de toda forma instaurar a crença que o papel de estar nas

atividades domésticas foi sempre das mulheres, um discurso que muitas vezes causa a desvalorização social do espaço doméstico. Saffioti corrobora:

É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a "superioridade" dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos (1987, p.11).

Assim, é a partir dessa naturalização de processos socioculturais que historicamente o homem dominou a mulher, primeiramente, pela força física, e há suas exceções quando se fala em força física, pois entram outros fatores como altura, estrutura física, mas a força física é uma forma de dominação masculina por via de regra. Foi uma ideologia que foi se constituindo que o homem detém de uma maior força que a mulher e podemos perceber isso quando analisamos as mulheres que trabalham usando o instrumento da enxada que mesmo elas tendo uma maior habilidade e produtividade, o sentimento de inferiorização é tão grande que terminam internalizando que são frágeis para essa atividade. Escuta-se muito dizer que existem poucas mulheres cientistas, cozinheiras, artistas, profissões que envolvam a inteligência, já deixando implícito que a mulher em termo de inteligência também é inferior ao homem.

O que os divulgadores dessa ideologia na sociedade esquecem é que as oportunidades que as mulheres tiveram durante muito tempo, foram quase exclusivamente apropriar-se das atividades do lar e o cuidado com os filhos. Saffioti (1987, p. 15) entende que:

Pode-se, pois, detectar, ainda uma vez, o processo de naturalização de uma discriminação exclusivamente sociocultural. A compreensão deste processo poderá promover enormes avanços na caminhada da conscientização quer de mulheres, quer de homens, a fim de que se possa desmistificar o pretenso carácter natural das discriminações praticadas contra os elementos femininos.

A inferiorização em relação ao sexo feminino é social, e a luta que vem sendo travada contra uma sociedade machista é com o intuito de se desconstruir um preconceito que foi constituído em relação a mulheres negras dentre outras práticas de descriminação legitimada por uma ideologia dominante. No entanto, vale ressaltar que existem homens que dominam

outros homens (negros e brancos), mulheres que estão subordinada a outras mulheres (negras e brancas) e temos ainda mulheres que dominam homens. “O patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira.” (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

Devido às desigualdades sociais em nosso país serem profundas e as oportunidades de trabalho e educação serem privilégio de poucos já causa uma situação de dominação. A falta de oportunidades para o sujeito vencer na vida já representa uma forma aparentemente legítima de dominação. Somos uma sociedade dividida em classes sociais e essa subordinação da mulher ao homem está presente entre ricos e pobres, negros e brancos. A dominação da mulher ao homem está na área política, econômica, cultural e social, causando vários tipos de discriminação, que favorecem a exploração da mulher.

Essa dominação não fica somente no campo da mulher, mas extrapola em relação ao negro brasileiro, que ocupa posições sociais menos privilegiadas e recebem remuneração muito baixa pelo trabalho que realiza. Entre os negros, vamos encontrar o nível escolar muito baixo, altos índices de analfabetismo, péssimas condições de vida e essas condições dificultam a ascensão social do negro.

### 2.1.1 A mulher negra

Muitas pesquisas procuravam estudar e interpretar a realidade do negro, como um simples componente de uma cultura diferente, buscando compreender o universo religioso, cultural e muitas vezes esquecem-se de apresentar a trajetória histórica e social do negro. Uma história marcada de exclusão ou omissão de pontos que afirmem a contribuição do negro no desenvolvimento do País.

Durante toda existência do estado brasileiro com um regime escravista, as instituições de poder, dentre elas o sistema jurídico e militar, mantinham e defendiam os interesses dos donos de escravos, os negros que chegavam ao Brasil, já eram reprimidos na qualidade de objeto sem direito, ou vontade própria. Um aparelho ideológico de dominação da sociedade escravista que gerou um pensamento racista que se arrasta até os dias atuais. “[...] esse

racismo não é epifenômeno tem causas econômicas, sociais, históricas e ideológicas que alimentam o seu dinamismo atual” (MOURA, 1988, p. 10).

O negro urbano no Brasil tem uma trajetória de luta contra a sociedade branca em relação aos mecanismos de barragem étnica e as estratégias de seleção estabelecidas para evitar que os negros ocupassem patamares privilegiados em instituições brasileiras. Os negros, em sua minoria, ocupam cargos de destaques em instituições privadas ou espaços burocráticos, posto que a maioria dos negros sejam contratados por empresas para desempenharem aqueles trabalhos considerados menos importante para a instituição e sem nenhuma perspectiva ou garantia de uma ascensão profissional.

Devido a esses mecanismos de inferiorizar o negro, o mesmo e as pessoas não brancas, têm dificuldades de se auto afirmarem no seu cotidiano como cidadão de direitos, devido uma ideologia enraizada através de estereótipos sobre o negro no Brasil. “Devido muitos conceitos chamados científicos que era utilizado por autores em suas análises sempre inferiorizando o negro, assim os negros não queriam aceitar a realidade étnica” (MOURA, 1988, p.19). Havia uma necessidade que os discursos científicos pudessem partir de uma visão que colocasse evidências aos problemas étnicos do Brasil a partir do negro.

Nesse sentido, vale ressaltar que a imagem estereotipada do negro brasileiro foi ou é muitas vezes apresentado com o pensamento social cheio de preconceitos, essa afirmativa parte da ideia que em toda a produção literária nenhum personagem negro entrou como herói, no mundo ficcional, imaginário dos romancistas da primeira geração no período escravista, os artistas não apresentavam a imagem do negro, primeiramente, porque estava impregnado de valores brancos e as obras eram ainda baseadas em produções ou imagens Greco-romana e, segundo, por que a classe branca do período queria de toda forma excluir a imagem do negro como forma de inferiorizar ou negar a existência tanto social como estética.

Os personagens que os romancistas da primeira geração romântica no Brasil apresentavam era a imagem do índio de forma idealizada de um tipo de personagem que não participava da luta de classes ou de conflitos com os homens brancos. Uma sociedade branca no Brasil que tentava na literatura e

no cotidiano negar a existência sócio-racial, uma literatura ausente de um negro como ser, como homem igual ao branco, disputando espaços e sua afirmação como herói. Para Moura (1988, p.29) existia uma “[...] reformulação das categorias ideológicas e estéticas com as quais manipulavam a sua imaginação”.

Percebemos que os processos de formação e informação eram baseados no favorecimento de um único grupo social: a classe socialmente favorecida a branca, uma cultura disseminada cheia de estigmas dentro de uma sociedade. É necessário lembrar que esses dois termos: sociedade e cultura têm conceitos diferentes, mas não podem ser segregados de acordo com Munanga a sociedade é definida como “um grupo de pessoas cujo conjunto organizado de atividades é auto-suficiente para garantir a cada uma delas a satisfação de suas necessidades materiais e psicológicas”. No que se refere à cultura, o autor apresenta como “um conjunto complexo de objetos materiais, comportamentos e ideias, adquiridas numa medida variável pelos respectivos membros de uma dada sociedade”. (2009, p. 29)

No cenário brasileiro ainda encontramos muitas desigualdades no campo da saúde, educação, trabalho, e muito mais no espaço doméstico. As formas pelas quais as desigualdades de gênero se produzem e reproduzem são as mais variadas nas diversas classes sociais, nas várias territorialidades ou gerações. É importante percebermos que a evolução ou desenvolvimento em um país só acontece de fato quando compreendermos as causas dos problemas sociais, culturais de uma população.

A mulher negra é vítima de preconceito triplo, uma vez que são discriminadas em relação ao gênero por homens negros e brancos, elas são discriminadas por serem negra ou pertencer a grupos étnicos. Isso ocorre cotidianamente na vida dessas mulheres e por fim sofrem preconceitos por estarem situadas geograficamente em regiões marginalizadas. Sabemos que na sociedade foi se culturalmente afirmando um estereótipo para a mulher como frágil, sensível, delicada e isso se caracteriza como um preconceito deixando a mulher em uma posição desigual em relação ao sexo masculino. Para a mulher negra ainda acrescenta-se a discriminação e o preconceito pela cor da pele, cabelo dentre outros. (OGUNBIYI, 2009)

A inserção na sociedade para as mulheres negras é de forma diferente, se compararmos com a mulher branca. Uma herança socioeconômica de padrões culturais que construíram durante anos estereótipos que dificultaram a inserção social e estratificando os grupos deixando negros e mulheres em situação subalternas. As mulheres negras lutaram e conquistaram alguns espaços que antes eram somente das mulheres brancas, e os meios que hoje as mulheres negras estão presentes servem de espelho para divulgar imagens positivas no meio social e educacional tornando visível, a mulher que vivia ocultada, a partir de diversos discursos em relação à etnia.

### **2.3 A educação formal impulsionada pelo capitalismo industrial após 1930**

Entre os anos de 1920 e 1964 iniciou uma série de revoluções e movimentos armados com o intuito de romper economicamente e politicamente com a velha ordem oligárquica vigente até então. Outro objetivo dessas revoluções, era implantação definitiva do capitalismo no Brasil. A revolução de 1930 procurou fazer um reajusto nos novos setores (indústria) da sociedade que tinha surgido com os setores tradicionais (agricultura) já existentes, do ponto de vista de mercado interno ligando com o setor internacional visando aumentar a exportação para o mercado externo. A crise econômica no Brasil aumentou quando o governo não conseguiu garantir os preços do café no mercado internacional, pois se tinha uma super produção de café e baixos índices de exportação. Para Romanelli

A Revolução de 1930 foi marcada por uma acumulação primitiva de um capital decorrente de mudanças qualitativas sofridas pela economia no momento em que o mercado interno, graças à imigração e o trabalho assalariado, começou a desenvolver-se. (1986, p. 48).

A economia brasileira reagiu de forma dinâmica aos efeitos causados pela crise, com a queda das exportações no país houve a necessidade de transferir renda do setor agrícola para a indústria. Tudo isso teve consequências boas para a economia do Brasil gerando um crescimento no mercado interno. Dessa crise direcionou uma necessidade de reajuste no aparelho do estado, por causa das novas necessidades econômicas e políticas

que surgiram dentro do País. Também gerou um sentimento por parte do organismo social de substituir com urgência a estrutura do poder político. Por mais que a sociedade percebesse que economicamente o país estava indo bem, mas tinha o sentimento que a crise só tinha se instaurado devido uma má governabilidade (ROMANELLI, 1986).

No cenário complexo da política brasileira, as insatisfações da população, por um lado uma elite que já vinha sendo minada em suas bases de permanência no poder e do outro lado o setor da indústria e a classe trabalhadora reivindicando mudanças econômicas e sociais. Eleições foram fraudadas e se instaura um novo governo. O governo provisório de Getúlio Vargas era bastante centralizador que tirou autonomias dos estados que vinha usufruindo desde a proclamação da república. O setor da indústria também não conseguiu benefícios nesse governo, pois o então presidente mostrava-se indeciso em financiar o setor industrial. Em 1945, caiu a ditadura de Vargas que foi substituída por um governo eleito (ROMANELLI, 1986).

Mesmo em um cenário político de muitas incertezas e várias reformas, surgem às novas exigências educacionais da industrialização, desde a segunda metade do século XIX que os países em desenvolvimento vem tentando implementar definitivamente escolas públicas, gratuita e universal para todos. O Estado tinha o interesse de agir como educador, já que a sociedade industrial queria mudanças significativas na forma de encarar a educação no país. E essa responsabilidade caía sobre o estado de conduzir e proporcionar educação para o povo. Com o advento das mudanças na relação de produção, o índice elevado de pessoas nos centros urbanos gerou uma maior necessidade de acabar com o analfabetismo e dar no mínimo uma qualificação profissional para o máximo de pessoas possíveis, para atuar no mercado de trabalho. (ROMANELLI, 1986).

A revolução de 30 para o Brasil é representada pela intensificação do capitalismo industrial, pois desse desenvolvimento econômico surgiu por parte da população e das indústrias as novas exigências educacionais. Já que em décadas anteriores a população não se atentava muito para aprender as primeiras letras, muito menos a classe poderosa em instruir as camadas sociais pobre. Como podemos perceber no fragmento do texto de Romanelli (1986, p. 59)

Na estrutura oligárquica, as necessidades de instrução não eram sentidas, nem pela população, nem pelos poderes constituídos (pelo menos em termos de propósito reais), a nova situação implantada na década de 30 veio modificar profundamente o quadro das aspirações sociais, em matéria de educação, e, em função disso, a ação do próprio estado.

Para a autora, não era só as populações que viviam da economia de subsistência, ou seja, da agricultura que não tinha interesse pela instrução, também na economia de exportação na região cafeeira o desinteresse era notório. Essa falta de interesse pela instrução dava-se e o autor explica que ainda se dá devido à relação da propriedade de terra no Brasil, o proprietário da terra produzia com uma mão-de-obra abundante e de baixos custos na contratação de pessoas para trabalhar, os equipamentos utilizados eram bastante rudimentares, além do mais, as pessoas ligadas a essa economia não viam a necessidade de uma educação formal ofertada em escolas. De certo, o capitalismo industrial impulsionou a necessidade de oferecer conhecimento para as camadas sociais que eram cada vez mais numerosas no país. Entendia-se que o capitalismo industrial precisava ampliar a área social de atuação, e isso só iria ser possível se as pessoas tiverem condições mínimas de concorrer no mercado de trabalho, como também de consumir os produtos. De acordo com Romanelli (1986, p. 59)

Comparando um tipo de vida com outra, a proletarização representa um progresso em relação à vida e ao trabalho nas economias de subsistência. É que o capitalismo gera, onde predominava antes esse tipo de economia, uma ampliação da oferta de trabalho assalariado. Isso, por sua vez, representa um crescimento constante da demanda social da educação.

De certo um deslocamento da produção agrícola, pecuária, mineração para um o setor da industrialização a oferta de trabalho em setores como administração, transporte e serviços em geral integrando as pequenas comunidades logo se começou a sentir a necessidade da leitura e da escrita, como também perceber a sua utilidade na vida social e econômica da pessoa. A expansão do capitalismo trouxe um desenvolvimento econômico com ele veio à luta de classe, a expansão escolar que até então vivíamos um dualismo

educacional que podemos traduzir pelo índice elevado de analfabetismo e ausência de escolas públicas, universal e gratuita.

As características em relação à educação ofertada no Brasil são muito contraditórias, uma vez que o sistema escolar depois da década de 30 passou a sofrer, pois de um lado tinha uma pressão social que exigia a democratização do ensino para todos e uma educação que atendesse as necessidades para atuar no trabalho, e por outro. Tínhamos o controle das elites no poder tentando conter a pressão popular e manter uma distribuição limitada de escolas públicas no intuito de manter o ensino um caráter elitista. O que podemos constatar, foi que a expansão do sistema escolar iniciou-se de forma atropelada, sem nem uma preocupação com a organização por parte do estado, o mesmo estava ofertando apenas para atender a pressão do momento, e não se preocupou com uma política nacional de educação. Para Romanelli (1986, p. 45)

O tipo de escola que passou a expandir-se foi o mesmo que até então educara as elites e essa expansão, obedecendo [...], às pressões da demanda e controlada pelas elites. Jamais ocorreu de forma que tornasse universal e gratuita escola elementar e adequado o suficiente o ensino médio e superior.

Cabe ainda ressaltar que essa expansão escolar do ensino não aconteceu de forma igualitária para todas as regiões do Brasil. Regiões como sul e sudeste que estavam passando pelo capitalismo industrial tiveram primeiro as escolas pública e gratuitas para que as pessoas tivessem pelo menos o ensino primário. Em outras regiões, como o Norte e o Nordeste, demoraram a ser beneficiadas pela expansão do ensino público e gratuito.

Mesmo com a democratização do ensino divulgada pelo governo, o Brasil vai entrar no ano de 1979 com números elevados de analfabetos, pois o processo de escolarização foi insuficiente, já que o sistema educacional não era organizado e nem estruturado, sem recursos e era conduzido por uma política discriminatória em relação ao ensino fundamental. “O responsável pelo crescimento do analfabetismo e pelo baixo grau de escolarização da nossa população é o poder público” (GADOTTI, 2008, p. 101).

### 2.3.1 Educação uma construção subjetiva a partir do conhecimento informal

Os processos educativos que acontecem na sociedade são complexos, peculiares e possuem características variadas, e os mesmos não podem ser “investigados à luz de apenas uma perspectiva e, muito menos, reduzidas ao âmbito escolar” (LIBÂNEO, 2010, p. 71). A educação que ocorre fora da escola pode ser entendida como os processos alternativos de alfabetização, pois os sujeitos nas suas vivências sociais e culturais vão construindo seus próprios conceitos e tornando um aprendizado significativo em seu cotidiano, pois é na relação familiar que são passados os valores que formam uma cultura do pertencimento a determinados grupos.

Um processo formativo que ocorre em espaços não formais ao definir educação como aquela que incorpora os “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (GOHN, 2010, p. 11)

A educação informal difere da formal, pois a educação formal é aquela desenvolvida dentro dos muros da escola, tem toda uma intencionalidade de transmissão de conhecimento, tem conteúdos e metas a ser alcançado e segue normas de um sistema educacional. Ver na figura do professor o elo entre o saber e o ensinar. No que tange a educação informal os agentes educadores são todas as pessoas que o sujeito se relaciona país, família, amigos, vizinhos, ou seja, comunidade em massa. (GOHN, 2010, p. 16) “A educação informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinação de origem, raça/etnia, religião.”

Outra questão na educação formal o local para acontecer o processo educacional é no território das instituições de ensino regularmente reconhecida por lei, na educação informal os espaços de aprendizagens são demarcados pela localidade onde mora, idade, sua casa. O que podemos perceber é que esse processo educativo através da educação informal não é uma escolha do indivíduo são recebidos pelos seus pertencimentos culturais. O processo educativo da educação informal ocorre em ambientes espontâneos, às

relações sociais entre as pessoas desenvolvem pelas afinidades e os gostos existentes entre ambos. (GOHN, 2010)

Os saberes são construídos na vivência e socialização pelos laços culturais e de origem dos sujeitos. A finalidade da educação informal está na socialização das pessoas em seu meio, no desenvolvimento hábitos, comportamentos, maneira de ver, pensar e se expressar ao utilizar a linguagem guiada pelos valores e crenças do grupo a qual pertence por herança desde o nascimento.

A modalidade educação não intencional, informal, direciona nossos olhares para os conhecimentos que estão ligados as experiências do dia-a-dia, modos de ação, relações sociais, tradições culturais, costumes e os modos de pensar, esses são os aprendizados pertinentes para o nosso estudo, pois acreditamos que eles refletem na educação formal e não formal. Desse modo, a educação informal é entendida como “processo contínuo de aquisição de conhecimento e competências que não se localizam em nenhum quadro institucional” (NASSIF, 1980 apud LIBÂNEO, 2010, p. 90).

“A educação informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinação de origem, raça/etnia, religião.” (GOHN, 2010, p.16). Então, os processos contínuos de aquisição de conhecimentos, que acontecem fora dos muros das escolas, são tão importantes quanto os que acontecem na educação formal e não formal, pois esses conhecimentos que são construídos no cotidiano vão influenciar na realidade educacional do indivíduo, pois no contexto da educação não formal: família, igreja, associações, indústria que se disseminam os conceitos ou definições sobre determinados assuntos. “Toda educação consiste num esforço contínuo para impor [...] maneiras de ver, de sentir de agir [...]” (DURKHEIM, 2007, p. 6)

Nesse sentido, entendemos que toda decisão em relação a uma sociedade passa cotidianamente por instâncias políticas, culturais e econômicas, e essas decisões são definidas em nível ideológico que vão refletir diretamente na sociedade. Nessa perspectiva todo grupo social que não se lembra do seu passado ou tenta de alguma forma apagar da sua memória torna-se refém de interesses de grupos, ao esquecer sua história ele condena o seu presente e fica desorientado em seu futuro (FÉLIX, 1998).

Com a globalização, ocorreram muitas mudanças nos paradigmas sociais que afetaram as relações de trabalho, as produções culturais, o consumo de bens e serviços. Novos laços sociais começaram a se restabelecer, havendo por parte das pessoas sentimentos conflituosos no seu cotidiano. Através dos aprendizados obtidos na educação informal é construída uma cultura de pertencimento, pois os conhecimentos não são organizados mais repassados a partir de experiências anteriores, ou seja, os mais velhos orientando os mais novos. Uma educação que atua no campo das emoções e sentimentos (GOHN, 2010).

#### **2.4 Da identidade a Ideia de pertencimento ou identificação**

Atualmente, temos encontrado muitas discussões a respeito da questão da identidade, porém é importante pararmos para refletir que a sociedade evolui e surgiram outros conceitos sobre sujeito e identidade. O termo identidade é visto no contexto desse estudo como um processo de construção de significados a partir do atributo cultural do indivíduo nas inter-relações com outras fontes de significados (CASTELLS, 1999). Com a pós-modernidade a sociedade vem modificando os significados na forma do pensar e no agir. Valores vão sendo reestruturados em consonância com uma sociedade que a cada dia tende a ser mais individualista. O cosmopolitismo apagou o sentimento de pertencer a grupos por vínculos étnicos, culturais, linguísticos ou históricos.

O termo cosmopolitismo é um conceito filosófico que não considera divisões impostas pelas sociedades, pois considera que os indivíduos são formadores de uma única nação, não havendo diferença entre as mesmas. Nesse sentido as etnias são envolvidas por esse pensamento filosófico. Segundo Martinho Rodrigues (2014, p. 1) estamos vivendo em um “mundo cada vez mais integrado, pelo multiculturalismo, sendo, [...], estimuladas politicamente pelo diferencialismo cultural, [...] de fortes processos claramente assimilacionistas e interativistas em todas as culturas.” Ou seja, um mundo com sociedades e culturas diferentes se relacionando umas com as outras, e que muitas vezes por questões culturais e sociais nos diferenciamos e

assimilamos ao mesmo tempo valores dos outros indivíduos e grupos sociais dos mais diversos, tais como grupos étnicos, religiosos, profissionais causando uma relação interativa entre as diferentes culturas. De acordo com Martinho Rodrigues:

A abordagem diferencialista preocupa-se, temerosa, com a negação da diferença, que estaria presente no assimilacionismo. Pretende estabelecer espaços em que as diferenças possam se expressar livremente. O risco assim originado é o encorajamento de atitudes de apatia social e de racismo reverso. O assimilacionismo pretende integrar as diferentes manifestações culturais à cultura hospedeira ou preponderante, julgando oferecer oportunidade aos grupos marginalizados, por reconhecer a tendência à marginalização dos grupos minoritários. Não há preocupação com a preservação de culturas minoritárias, nem existe a pretensão de reorganizar a sociedade segundo um projeto amplo de reestruturação (RODRIGUES, 2014, p. 1).

É evidente que a voracidade de transformações que a sociedade vem passando em relação aos significados cognitivos das expressões culturais, sociais, econômicas do ser humano, não se pode afirmar como verdade absoluta, que exista a conservação intocável de tradições culturais de algumas etnias, posto que não vivemos em uma redoma isolado de tudo e todos. O significado de identidade encontra-se enfraquecido, por conta das mudanças que historicamente vem acontecendo na sociedade, às culturas vêm se modificando a partir dos atores sociais que se relacionam, “O mundo tende a vestir as mesmas roupas, ouvir as mesmas músicas e adotar comportamentos cada vez mais semelhantes” (RODRIGUES, 2014, p. 23). A existência de identidades múltiplas causa muita tensão e contradição na sociedade tanto no que se refere a auto-representação, como na ação social do sujeito. A identidade constitui fonte de significados para os sujeitos e são constituídos pelo um processo individual de cada um. Significado é definido por Castells (1999) como a “identificação simbólica” por parte do sujeito.

Segundo Bezerra de Menezes (2000, p. 9), “Identidade é assim atributo daquilo que é idêntico que vem do latim *idem*, o mesmo”. Então, não podemos afirmar que existe uma identidade específica, já que cada indivíduo possui sua subjetividade, e a memória de um grupo étnico depende da imagem que cada indivíduo constrói de si próprio, e de como essa imagem é apresentada no meio social. Sodré (1999) citado por Borges (2010, p. 27) “Identidade é reconhecer um sujeito em seu espaço, mediante condições históricas e

psicossociais de sobrevivência”.Hall (1997) explica que a identidade ela vai mudando de acordo com a forma como o sujeito é repreendido, e a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida.Esse momento do processo é que constitui o ponto-chave: ou se ganha, acrescentando às bases identitárias àquilo que o meio fornece, para enriquecê-las, ou se perde, simplesmente entregando-se ao tradicionalismo cultural.

É muito difícil hoje, apresentar identidades nacionais, étnicas ou de outra ordem congeladas, como ocorria no ‘tempo de Heráclito’.” (MARTINHO RODRIGUES, 2014, p.03) O que é bem verdade que não podemos compreender um mundo ou uma sociedade sem suas referências identitárias, para o autor estamos caminhando cada vez mais a uma sociedade interativista, já que a cada momento consumismo bens e produtos em comum, e essa relação dar-se-á por comportamentos semelhantes entre grupos sociais.Louro (2003, p. 24) salienta que, “[...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos [...]”

Ao afirmarmos a existência de uma identidade, por mais que seja algo desejado ou um propósito a ser alcançada por alguns grupos sociais, ou a idéia de pertencimento para algumas pessoas causa conflitos internos, pois com o advento da mudança socioeconômica, a era da internet, o mundo de transformações de padrões, é difícil alguém querer pertencer apenas em um reduto, partido dessa idéia não se constrói uma identidade baseada na imposição, já que a mesma para Bauman (2005, p. 21) “é sempre algo muito evasivo e escorregadio, quase um a priori, ou seja, uma realidade preexiste.” As estruturas de poder não são mais capazes de conter as transformações que estão acontecendo no mundo.

Com as transformações na sociedade é comum encontrarmos comunidades usando discurso de identidade a partir da referência de entidades que as definem. Nessa pesquisa entendemos o pertencimento como uma crença subjetiva do sujeito numa origem comum que une diferentes pessoas, e os símbolos expressão valores para a coletividade do grupo social. Nesse sentido, existem dois tipos de comunidades: as do tipo de vida e as de destino.

A primeira está relacionada com o viver junto, com os costumes e tradições sendo seguido por todos, ou seja, uma ligação total.

A segunda é disseminada por ideias, ou por uma variedade de princípios que surgem das relações sociais e culturais. De certo nas gerações passadas poderíamos dizer que existia uma identidade na comunidade, não por uma construção subjetiva dos indivíduos, mais por uma imposição através das relações de convívio, a primeira foi e será negada as gerações futuras, a segunda é a que nos define, a que estamos vivendo, somos ligados por ideias ou princípios que nos oportuniza a liberdade de fazermos escolhas (BAUMAN, 2005).

Essa ideia de pertencimento ou identidade não tem resistência, pois a sociedade foi se transformando e as tradições, costumes, jeito de pensar e de ser foram se modificando, e isso será crucial tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Essa ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” O pensamento sobre identidade não vai acontecer aos indivíduos enquanto existir a imposição na maneira de ser ou pensar, impondo uma idéia ou noção de pertencimento às pessoas. Para Bauman (2005, p.26) “identidade [...] impõe a existência social: a opressão e a libertação.” Não temos como sustentar uma ideia de termos uma identidade fixa, pois a todo momento somos influenciados pelas culturas nas quais entramos em contato e posteriormente também iremos influenciar o meio ao qual fazemos parte.

Para Bezerra de Menezes (2000), o ser humano não tem ideias isoladamente, mas conduz suas ideias baseado nas suas crenças, valores e categorias que se formaram historicamente na sua vida social. No *modern Dictionary of sociology*, de George e Achilles Theodorson, não registra o termo identidade, mas apresenta o termo processo de identificação como concepção dos indivíduos filiados a grupos étnicos e outros. A partir dos anos 70, o termo identificação passou a ter ampla generalidade de uso e de significação, ao ponto de se tornar um elemento do senso comum, num vasto de escritos sobre o tema.

Se entendermos que o conhecer de uma pessoa vem do expressar sua identificação com algo ou alguém, perceberemos que esse processo de

identificação é gradativo e é melhorado de acordo com a sua interação social e cultural, já o reconhecimento está no ato expressivo que depende dos meios de comunicação para revelar o seu valor social. Nesse sentido a definição para o termo identificação é sustentada no pensamento Bezerra de Menezes que define “como um processo pelo qual o sujeito constitui-se gradualmente como tal, assimilando um ou mais traços de outro indivíduo e modelando-se por estes.” (2000, p. 15).

De certo, não temos como tem políticas públicas para reconhecer grupos sociais ou culturas na afirmação de uma identidade. O ambiente social, os meios de comunicação, a economia influencia nas relações dos sujeitos, mudando o comportamento das pessoas, a identificação não é algo automática, é um processo de abstração subjetiva dentro de um contexto sociocultural. Esse momento do processo é que constitui o ponto-chave: ou se ganha, acrescentando às bases indenitárias àquilo que o meio fornece, para enriquecê-las, ou se perde, simplesmente entregando-se na imposição de tradições passadas. A identificação parte da percepção do observador o que encanta os olhos é somada na vida do indivíduo, é uma relação do exterior para o interior.

O que podemos perceber que os termos identidade, pertencimento e identificação estão muito ligados ao processo cultural do homem, posto que os comportamentos eles variam de acordo com o meio relacional do indivíduo. Dependendo de como ocorreu o processo educacional, os valores e costumes que foram repassados e internalizados pelos sujeitos através da cultura, ele toma posicionamento usando algum dos termos.

## **2.5 História ou histórico da Cultura**

O presente tópico apresenta um breve histórico sobre as mudanças de sinônimo do termo cultura. (CHAUÍ, 2008) O termo cultura antes do século XVIII vem de origem do verbo latino *colere*, que traz em seu significado “o cultivo, o cuidado.

Significado ligado à agricultura, o cultivo com as crianças nos ensinamentos do florescer da natureza, ora ligado ao culto de deuses sagrados. Nesse contexto, o significado de Cultura era então

“concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém [...] (CHAUÍ, 2008, p. 55).

Baseada ainda em Chauí podemos dizer no decorrer da história ocidental o sentido de cultivo foi se perdendo e a partir do século XVIII com ideias propagadas pela filosofia da ilustração<sup>1</sup> o termo cultura reaparece como sinônimo de civilização<sup>2</sup>. Assim com o Iluminismo a cultura torna-se um padrão ou o critério que começa a medir o grau de civilização de uma sociedade, passando então o termo cultura ser entendido como “conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução” (CHAUÍ, 2008, p. 55).

O que podemos perceber que de acordo com o desenvolvimento de uma sociedade o conceito sobre cultura foi se transformando, e essas mudanças no significado nos dão o entendimento de que o significado de cultura está interligado a ideia de tempo, contínuo e linear, ou seja, uma evolução, então, pode-se afirmar que a cultura demonstra o progresso de uma civilização. Para Chauí (2008, p. 55) “Avalia-se o progresso de uma civilização pela cultura e avalia-se a cultura pelo progresso que traz a uma civilização.”

O conceito de cultura aqui apresentado pelo Iluminismo era muito político e ideológico e foi reaparecer no século XIX quando se constitui um ramo das ciências humanas a antropologia. No início, os antropólogos em suas análises sociais conservaram o conceito iluminista de evolução e progresso, pois inicialmente usaram essa noção de progresso como uma forma de medir a cultura, nesse sentido os pesquisadores antropólogos estabeleceram um padrão para medir a evolução ou grau de progresso de uma cultura.

O padrão o qual foi escolhido como base para medir a evolução e progresso de uma cultura foi da Europa capitalista<sup>3</sup>, levando em consideração

---

<sup>1</sup>No século XVIII também é chamado “Século das Luzes”, de onde provem o termo “Ilustração”. A luz de que se fala é a razão, que é uma das crenças mais importantes e influentes do século. A Ilustração e os ilustrados têm uma fé absoluta na razão humana, que se considera como unitária, invariável e idêntica em todos os homens, povos e culturas. “A Razão alumia a Humanidade”. Disponível em <[http://www.resumosetrabalhos.com.br/filosofia-da-ilustracao.html#document\\_content](http://www.resumosetrabalhos.com.br/filosofia-da-ilustracao.html#document_content)> Acesso em 29 ago. 2016

<sup>2</sup> Deriva-se de vida civil, portanto, de vida política e de regime político (CHAUÍ, 2008, p.55)

<sup>3</sup> Capitalismo ocidental, mais do que propriamente afirmar a supremacia das forças espirituais sobre as forças materiais. O capitalismo ocidental é produto de circunstâncias históricas

três elementos: “O estado, o mercado e a escrita” (p.56). Avaliação da cultura e da sociedade, a que ela se refere considerava também, o desenvolvimento científico, tecnológico, artístico e filosófico, além do conforto material das civilizações avaliadas. O fato de que estes requisitos coincidam com o desenvolvimento dos três fatores a que ela se refere não significa só os três fatores fossem considerados.

Nesse sentido, as sociedades passaram a ser avaliados pela presença ou ausência dos elementos da cultura ocidental. Para os antropólogos nas sociedades que não apresentavam elementos do padrão estabelecido era considerado que aquela sociedade tinha falta de cultura ou cultura era pouco evoluída (CHAUÍ, 2008). Em todas as sociedades que não tinham o mesmo desenvolvimento de mercado, escrita e estado ocidental foram consideradas sociedades de “culturas primitivas” de acordo com a autora ao se estabelecer um padrão para analisar as demais sociedades adotou-se um “conceito de valor”, ou seja, emitiu-se um juízo de valor diferenciando as formas culturais de cada sociedade. Weber (1992, p.110) defende que a sociedade não é algo que está fora ou superior aos indivíduos, as pessoas conjuntamente com suas subjetividades vão construindo as relações sociais e culturais e é a partir dessas relações que se formam a sociedade. Então, para o autor não existe oposição entre indivíduo e sociedade. Pois as normas só se tornam concretas quando parte de cada indivíduo baseado em alguma motivação “[...] homem da ação: ele pondera e escolhe, entre os valores em questão, aqueles que estão de acordo com sua própria consciência e sua cosmo visão pessoal”.

. No século XIX, sobretudo com a filosofia alemã, a ideia de cultura sofre uma decisiva transformação porque agora a cultura é elaborada como a diferença entre natureza e história.

A cultura é a ruptura da adesão imediata à natureza, adesão própria aos animais, e inaugura o mundo humano propriamente dito. A linguagem e o trabalho revelam que a ação humana não pode ser reduzida à ação vital, expediente engenhoso para alcançar um alvo fixo, mas que há um sentido imanente que vincula meios e fins, que determina o desenvolvimento da ação como transformação do dado em fins e destes em meios para novos fins, definindo o homem como

agente histórico propriamente dito com o qual inaugura-se a ordem do tempo e a descoberta do possível (CHAUI, 2008, p.56).

De acordo com Chauí (2008), as mudanças ocorridas nas sociedades do século XVIII e XIX, o termo cultura passou a ter muitos significados que não possuía antes, sendo agora compreendida na religião, sexualidade, das formas do trabalho, das formas de habitação, do vestuário, culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco e familiar, como também das relações de poder.

A cultura passa a ser compreendida como campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo [...], as diferenças no interior do espaço [...]" (CHAUI, 2008, p. 57).

### **2.5.1 Cultura Subjetiva ou Objetiva?**

Nesse capítulo, tomaremos como base para definirmos o termo cultura as discussões apresentadas pelo antropólogo Geertz (2008), em seu texto as interpretações das culturas, o autor já nos conceitua o que é cultura baseado na afirmação de Max Weber em dizer que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”(p.04). Geertz ressalta que o conceito de cultura que ele defende é essencialmente semiótico, entendendo então a cultura como “teias”, para o autor as ciências sociais não são ciência experimental em busca de leis, mas sim uma ciência interpretativa em busca do significado. Assim, é através das ideias de Geertz (2008) que pretendemos discorrer alguns conceitos sobre cultura.

De certo modo, entendemos que o conceito de cultura é bastante amplo e diversificado, e em alguns momentos nos causa uma confusão em relação a sua definição. Inicialmente, Geertz (2008) afirma que as teorias Tyloriana sobre cultura mais confundem do que esclarecem, porém ele não nega que diante dos conceitos ora apresentados pelos que seguem a concepção Tyloriana o antropólogo Clyde Kluckhohn apresenta umas das melhores introduções a antropologia, Kluckhohn em seu escrito “Mirror for Man” traz várias definições

de cultura como sendo “o modo de vida global de um povo”; “o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo”; “uma forma de pensar, sentir e acreditar”; “uma abstração do comportamento”; [...]; “um celeiro de aprendizagens em comum”; [...]” (GEERTZ, 2008, p. 04). Nessa vasta definição sobre cultura Kluckhohn compreendeu que é necessário escolher uma definição como caminho a percorrer, mesmo sabendo que temos inúmeras possibilidades no que tange o termo cultura.

Discussões sobre cultura é um debate interminável na ciência da antropologia, porém cabe aqui nos questionarmos se a cultura é subjetiva ou objetiva? Se pensarmos cultura pela definição de Geertz (2008) uma teia de significados, então podemos afirmar que a cultura é subjetiva porque parte da apreensão e percepção que cada indivíduo adquire em seu grupo social relacionando com outros grupos, mas ela pode ser considerada objetiva se entendermos que a cultura advém de uma conduta padronizada.

Pensar a cultura apenas como objetiva seria reduzi-la a uma ideia que a mesma consiste em desenvolver um padrão bruto de acontecimentos comportamentais que acontecem em algumas comunidades. De certo o termo cultura ainda é cheio de contradições que nos leva à seguinte questão: será que a cultura está localizada na mente do indivíduo? Ou é guiada por padrões historicamente construídos em regiões isoladas ou grupos sociais? Laraia(1986) que os indivíduos escolhem viver seus próprios costumes, e que os comportamentos das pessoas eles variam de acordo com o ambiente que está situado. A cultura está ligada ao tipo de educação que o sujeito tem ou teve durante a sua socialização que a questão biológica ou o lugar que define o comportamento do sujeito. “A cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento.” (GEERTZ, 2008, p. 8).

Quando comparamos os costumes do passado com os do presente, percebemos as mudanças a partir dos comportamentos das pessoas e os mesmos não podem ser explicados por um determinismo geográfico e nem biológico. As diferenças culturais estão relacionadas com ensinamentos que o sujeito recebeu dos pais e do meio relacional que contribui para determinados comportamentos que são tipos do meio que ele faz parte. (LARAIA, 1986).

A cultura é entendida e abstraída de forma diferente entre os grupos sociais. Cada grupo constrói sua cultura, e que o comportamento, tradições e costumes trazem todo um significado para as pessoas que ali estão inseridas naquele meio cultural. O grau de importância e o entendimento de uma cultura só são valorizados pelos membros que usufruem. Como escreve Geertz

[...] a cultura consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conseqüências e se aliam ou percebem os insultos e respondem a eles, não é mais do que dizer que esse é um fenômeno psicológico, uma característica da mente, da personalidade, da estrutura cognitiva de alguém, ou o que quer que seja, ou dizer ainda o que é tantrismo, a genética, a forma progressiva do verbo, a classificação dos vinhos. [...] (2008, p. 9)

A cultura está relacionada com todo um contexto que é construído nas relações de grupos sociais a partir das suas experiências coletivas e individuais. A mesma não é um poder atribuímos para todos os acontecimentos que ocorrem em determinados grupos sociais direcionamos como sendo a cultura responsável por aquele acontecimento. Para Geertz (2008) compreender a cultura expõe primeira entender o comportamento como normal para aquele contexto social, mas sem reduzir sua particularidade, pois não é em todos os lugares que teremos certos comportamentos.

É através da ação social do indivíduo que as formas culturais vão se articulando, e os significados dos comportamentos emergem de acordo com os papéis que cada pessoa desempenha no grupo social que faz parte, é também importante destacar que o modo de vida também influencia na cultura do sujeito. Um exemplo que bem assertivo sobre a cultura é em relação às diferenças existentes entre os sexos (feminino e masculino) não são determinados biologicamente, pois dependendo da cultura algumas atividades que são atribuídas para as mulheres em alguns grupos sociais essas mesmas atividades são direcionadas aos homens. “A verificação de qualquer sistema de divisão do trabalho mostra que é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica.” (LARAIA, 1986, p.19).

### **3 DIMENSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA**

Nesse capítulo, caracterizamos os caminhos metodológicos da investigação, descrevendo o método que foi escolhido para o estudo, os sujeitos envolvidos na pesquisa, como também, apresentamos o campo de estudo. Descrevemos ainda os procedimentos adotados na construção e organização da análise dos dados.

#### **3.2 O Método de Estudo**

Quando falamos em pesquisas científicas, em um primeiro momento pensamos logo no objeto de estudo e em seguida já estabelecemos o tipo de pesquisa que será desenvolvida para atender os objetivos que são balizadores em qualquer pesquisa. Assim entendemos que quando não escolhemos um método que atenda aos objetivos, a pesquisa tende a não alcançar os resultados desejados. Nesse sentido, apoiamo-nos no método compreensivo, que é capaz de extrair os sentidos das ações e das relações sociais, como também, compreender que por mais que o pesquisador seja dedicado ao seu objeto de estudo, ele não conseguirá chegar a um conhecimento total da realidade a qual se propôs a estudar, pois as lacunas irão ficar, já que a apreensão é sempre parcial e poderá, no futuro, ser aprimorada por outras pesquisas (WEBER, 2008).

Também o nosso estudo é de cunho Etnográfico, pois segundo Geertz (2008), entende-se que a etnografia estabelece a relação do pesquisador selecionar informantes, levantar genealogias, mapear o lócus do estudo, fazer anotações, pois nossos dados são coletados e compreendidos a partir das construções históricas de outras pessoas. O estudo situa-se no campo da abordagem qualitativa, pois segunda as recomendações de Bauer e Gaskell “A pesquisa qualitativa é, muitas vezes vista como uma maneira de dar poder ou dar voz às pessoas, em vez de tratá-las como objetos, cujo comportamento deve ser qualificado e estaticamente modelado” (2008, p. 30). A pesquisa qualitativa trabalha interpretações das realidades sociais e responde a questionamentos mais particulares (BAUER e GASKELL, 2008). Assim, fizemos um recorte do espaço que foi investigado em termos empíricos do

recorte teórico, os sujeitos ou objetos de investigação foram construídos em primeiro momento por um aporte teórico enquanto objeto de estudo.

Usamos como fonte para essa pesquisa as memórias das mulheres negras do bairro Irapuá II, pois segundo Xavier (2010, p. 13) “a memória através da história oral torna-se um recurso indispensável na construção histórica das realidades”. Para o autor, em relação ao Brasil, valorizar a memória do nosso povo como fonte é necessário, já que as nossas características físicas e sociais foram estabelecidas hora por um autoritarismo de um opressor em relação ao oprimido e pela dicotomia existente até hoje entre ricos e pobres. “[...] nós nos classificamos, nós mesmo e os outros, na famosa escala social, que formou a ideia, sem dúvida magistral, de que o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais” (HALBWACHS, 1968, p.21).

Xavier (2010, p. 119) entende que através da “fonte oral como possível fonte histórica, merecedora da credibilidade insuspeita nem de maior e de menor valor histórico [...]”. Pois os indivíduos vivem as suas histórias e são testemunhos reais dos acontecimentos do que passou e passa em sua vida, como também, no grupo social do qual fazem parte. Ao utilizar a fonte oral, percebemos através da memória às mudanças que ocorreram em um tempo histórico e o que permaneceu na trajetória de vida das mulheres Zinidores do bairro Irapuá II, em Floriano- PI.

Podemos considerar que a fonte oral nos apresenta as realidades existentes em cada contexto social, pois é a partir dos relatos que podemos perceber o modo de vida e as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que ocorreram do passado ao presente. De acordo com Xavier (2010, p.119), será “mediante a memória coletiva como fonte alternativa de revisitação do passado, proporcionando, no presente vez e voz aos discriminados, oprimidos, [...] e ofuscado pelo discurso do poder”.

Nesse sentido, foi a partir das narrativas das mulheres que mergulhamos no universo da memória das participantes, pois entendemos que o tempo e a memória são cruciais na formação histórica de uma sociedade, nosso olhar voltou-se para as ações dos seres humanos e sua relação com o meio, já que as questões culturais e econômicas vêm durante muito tempo se modificando em decorrência dos indivíduos na sua ação social. As narrativas são uma

construção da história vista de baixo, ou seja, são aquelas pessoas que não estão nos holofotes da sociedade, mas que fazem parte dos bastidores realizando ações na construção social. A narrativa aqui será cronológica, que de acordo com Tuchman “é a espinha dorsal e a corrente sanguínea que aproxima a história daquilo que realmente foi e de um entendimento adequado da causa e efeito [...]” (1991, p. 23).

A fotografia também foi utilizada nessa dissertação como fonte a fim demonstrar uma maior visualização do local de onde emerge esse estudo, baseado nas recomendações de Loizos (2011, p. 137) “a imagem, com ou sem acompanhamento de som oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos materiais”. Aqui usamos a fotografia para apoiar a descrição feita na nossa observação, como também ao apresentar o cenário da pesquisa.

### **3.2 O problema da pesquisa**

Como a educação informal como elemento que contribuiu para a construção de uma cultura da mulher negra do bairro Irapuá II.

### **3.3 Objetivos**

Entendemos que, pensar o objeto de pesquisa em um estudo requer do pesquisador uma necessidade, primeiramente, de analisar o contexto social, político e cultural onde o fenômeno particular existe como também o próprio fenômeno em si.

Assim, nosso Objetivo Geral: Investigar como a educação informal contribuiu para a construção de uma cultura da mulher negra do bairro Irapuá II

Objetivos específicos:

- a)** descrever o perfil histórico e Fisiográfico de Floriano – PI, como também do Bairro Irapuá II;
- b)** reconhecer o processo histórico de construção da identidade, identificação e pertencimento da mulher negra no Brasil;
- c)** caracterizar o processo de identificação de mulheres negras a partir da cultura construída pelos aprendizados espontâneos no bairro Irapuá II.

### 3.4 Revisão de literatura

Inicialmente foi feita uma pesquisa no banco de tese e dissertação da CAPES no intuito de conhecermos estudos que durante esses cinco anos vem abordando como objeto de pesquisa a mulher negra em relação a sua identificação, pertencimento, preconceito e enquanto origem de lugar. Encontramos no banco de teses e dissertação algumas pesquisas que nortearam ir ao encontro de um referencial teórico que atendesse ao nosso questionamento sobre a mulher negra. Dos trabalhos pesquisados encontramos Souza (2013) com o tema: “Rebeliões da Senzala”: diálogos, memória; Arruda (2015), tema do estudo: Mulheres Negras garimpeiras na Região de Peixoto de Azevedo – MT: Décadas de 1970 a 1980.

Então, buscamos primeiro o autor que nos orientou na construção do percurso metodológico, iniciou-se usando o Weber (1992) para entender o método compreensivo, como também interpretar as narrativas, depois apresentamos o entendimento do Geertz (2008) sobre pesquisa etnográfica; como o estudo de abordagem qualitativa, buscamos as recomendações de Bauer e Gaskell (2008); para falar sobre memória como fonte, usamos Halbwachs (1968) e Xavier (2010). Quando falamos de narrativas, seguimos o pensamento de Tuchman (1991); como usamos fotografia, o nosso olhar foi a partir das ideias de Loizos (2011). Em relação aos instrumentos utilizados na pesquisa, usamos como aporte teórico Ferrarotti (2014) e Lakatos (2003).

Para a discussão da mulher enquanto gênero, a base teórica é sustentada na discussão que Saffioti (1987), Louro (2003). No que se refere à discussão sobre a educação formal, construímos o texto a partir das compreensões de Romanelli (1986), Gadotti (2008), Farias Filho (2000), como também o entendimento em relação à educação informal pelas pesquisas de Gohn (2010), Libâneo (2010) e Durkheim (2007). Na continuidade, fazemos uma discussão sobre pertencimento, identidade e identificação no qual sustentamos a discussão a partir do pensamento Bauman (2005), Bezerra de Menezes(2000), Hall (1997), Martinho Rodrigues (2015) e Levi Strauss (1993). No intuito de entendermos o conceito de cultura, entramos como aporte teórico a Chauí (2008), que apresenta uma discussão filosófica e o Geertz (2008) e Laraia (1986) com uma compreensão antropológica.

Apropriamo-nos dos conhecimentos de outros teóricos na construção desse trabalho, mas aqui apresentamos os principais que sustentaram a discussão com o intuito de encontrarmos interpretações significativas para as narrativas das mulheres negras Zinidores de Floriano- PI.

### **3.5 Coleta de dados e instrumentos utilizados**

Para a realização da pesquisa utilizamos em primeiro momento como instrumento a observação estruturada ou também conhecida como sistemática, porque ela consiste em obter informações do objeto de estudo baseado nas recomendações de Lakatos a observação estruturada “as normas não devem ser padronizadas nem rígida demais, pois tanto as situações quanto os objetos e objetivos das investigações podem ser diferentes” (2003, p.193).

No segundo momento, utilizamos a entrevista, que é uma forma de escutar os sujeitos de modo a não deixar nem uma informação passar despercebida, a escuta é uma técnica utilizada nas entrevistas, pois permite ao pesquisador e ao pesquisado uma relação dialógica, aberta e agradável, pois ao ouvir com atenção as participantes que utilizavam da palavra, o pesquisador pode apreender gestos, expressões e os sentimentos no momento da entrevista, pois ao se ouvir observar se também o interesse e a valorização da pessoa que fala. Segundo Ferrarotti (2014, p. 34) “A técnica da escuta, é principalmente a pessoa que é valorizada, e não o seu saber.” É a partir do reconhecimento de que o participante é importante é que se começa a estabelecer entre os envolvidos na pesquisa uma conexão de confiança, na qual muitas vezes pesquisador é pesquisado e o pesquisado torna-se pesquisador.

#### **2.5.1 Um olhar sobre o bairro**

Embora resida no município de Floriano - (PI), não tinha parado para pensar o quanto a história do município, contada pelos colonizadores e historiadores, nega a participação da mulher negra. A contribuição da mesma está invisível na história do município mesmo tendo referências de uma escola

para filhos de negros libertos, desde quando ainda era uma pequena comunidade.

Iniciamos a observação em 08/08/2016, encerrando a mesma em 20/08/2016. Foram duas semanas fazendo visitas no bairro Irapuá II, em 04 horários diferentes, com o intuito de perceber como era o ambiente social e cultural das mulheres negras. Comecei a observar o lócus do estudo em uma manhã de segunda-feira a partir das 7h, para perceber como era o ambiente de vivência das mulheres negras do bairro Irapuá II, andava pelas ruas observando as residências e o cotidiano. Ao passar em frente das residências, escutava as mães chamando os meninos para andar rápido para ir à escola, percebia que nesse horário da manhã não havia muita movimentação dos moradores em suas portas, a única movimentação era de pessoas saindo para seus respectivos trabalhos e as crianças correndo para entrar na escola que é situada ali no bairro.

Depois retornava ao local do estudo, em outro momento da manhã, por volta das 9h, o clima do bairro já era outro, se ouvia músicas em algumas casas e o silêncio em outras, ouvia-se os gritos e sorrisos de crianças brincando na escola. Nesse horário, algumas casas estavam com portas abertas e outras fechadas. Às 14 horas, voltava ao bairro e era um deserto, poucas pessoas na porta, um clima calmo, mas dava para ouvir quando passava na porta das casas o som alto da televisão, já se percebia homens negros idosos em suas portas, sentados com serenidade no olhar, fumando um parronca (cigarro feito a mão com fumo), dentro das residências que estavam com as portas abertas percebia-se senhoras negras idosas fazendo artesanato, cestas para colar doce, em outras residências se percebia meninos e meninas de uma faixa etária de 10 a 14 anos quebrando castanha na porta e a mãe dentro da casa com uma bacia tirando as cascas.



Foto 01 – Contexto empírico da Pesquisa (Arquivo da pesquisadora)

Na entrada do bairro tem um entroncamento, ou seja, um encontro de ruas, tanto do lado esquerdo, como do direito as ruas tem calçamento, em relação à lateral direita localiza-se uma árvore que os seus frutos são a castanhola abaixo dessa árvore tem um banco de madeira que alguns homens do bairro usam para passar os finais das tardes conversando. Em relação às casas, as primeiras ainda estão em construção e não estão rebocadas, mais em frente, encontramos residências rebocadas e pintadas.

Nesse sentido ao retornar no final da tarde por volta das 17h e 30 min. chegávamos na esquina e já observávamos os homens negros de faixa etária variada na esquina, sentados em um banco feito de madeira, debaixo de uma árvore, conversando, rindo alto, falando como se estivesse brigando. Os assuntos eram os mais variados. Eu ficava parada ao longe, apenas ouvindo. Nesse horário, já se viam idosos nas portas conversando, costurando, crianças brincando no meio da rua, o som dos meninos e meninas na escola, o clima era outro.

Passei duas semanas fazendo esse itinerário, observando a fim de perceber como era a movimentação do bairro, mas tive alguns obstáculos, pois na primeira semana tudo tranquilo fazer visitas no bairro, mas na segunda semana comecei a perceber que no final da tarde, aqueles homens negros que sempre ficavam na esquina olhavam pra mim desconfiados, como se eles achassem que eu estivesse investigando algo de errado dos moradores, então foi necessário fazer a primeira aproximação com os moradores e mulheres negras que se tornaram as participantes desse estudo.

Fui à casa de uma moradora e apresentei-me, conversei, falei porque eu estava sempre caminhando pelo bairro, observando, depois desse primeiro contato parece que eles me deram uma autorização para circular em suas residências. No outro dia quando ali estava, eles me convidavam para sentar, ofereciam café, água, doce, sorriam um pouco travados, mas era normal, já que estávamos começando a nos conhecer.



Árvore de castanhola localizada no lado direito da rua de entroncamento- Foto 02 – Contexto empírico da Pesquisa (Arquivo da pesquisadora)



Árvore de castanhola localizada no lado direito da rua de entroncamento com moradores do bairro-Foto 03 – Contexto empírico da Pesquisa (Arquivo da pesquisadora)

Depois de passar duas semanas observando o bairro, percebi que agora era o momento de começar a conhecer a história da localidade contatada por eles que ali residem. Então fui fazer a busca na internet do termo “zinidor”, já que minha maior inquietação começou em relação a esse termo, nessa pesquisa cheguei a encontrar uma matéria no site do município de Floriano – PI um texto pequeno que falava de um jogador chamado Zeca Zinidor. Fui atrás dele, pedi para fazer uma entrevista. O mesmo me recebeu muito bem em sua residência, uma entrevista descontraída, vários sorrisos por parte dele ao lembrar-se do passado, das histórias que viveu, dos namoros e do casamento. Foi a partir das narrativas do seu Zeca Zinidor que comecei a pensar quem seriam essas mulheres da pesquisa. As mulheres que foram escolhidas para serem participantes da pesquisa são filhas, netas e bisnetas dos primeiros moradores negros do bairro Irapuá II, que foram e são consideradas da família zinidor.

### 3.5.2 Entrevistas Narrativas

Em relação às entrevistas foram todas feitas nas residências das entrevistadas, nos horários e data estabelecidos pelas participantes do estudo, ocorreram vários retornos às residências das participantes, pois em algumas das entrevistas, as participantes estavam ocupadas, ou precisavam sair para resolver problemas pessoais e em outros momentos, devido à ocupação doméstica, não podiam me atender. Deixei-as livres, caso desejassem interromper e continuar quando se sentissem à vontade. As entrevistas foram coletadas por aparelho celular. Usamos os nomes verdadeiros das participantes, pois as mesmas deram a autorização e achamos importante já que essas mulheres negras foram e são agentes sociais no processo de colonização e civilização do município de Floriano (PI).

Ao chegar à casa das participantes apresentava-me, falava um pouco sobre a minha vida, formação, idade, onde eu morava de quem eu era filha e ao fazer isso ia percebendo que cada uma tinha um jeito subjetivo de se relacionar comigo e começar a sentir-se a vontade para conversar a respeito

do bairro, da sua vida, sentiam-se tão a vontade que mostravam a casa e até os trabalhos artesanais que muitas faziam. Sempre explicava antes o que era a pesquisa, que a mesma ia ser gravada, depois fazia a transcrição e que por fim voltaria para ler para elas, ao concordarem em participar marcávamos o dia para cada entrevista.

### 3.6 O cenário da pesquisa

O lócus da pesquisa foi o bairro Irapuá II que está situado no Município de Floriano. O município foi durante muito tempo um importante porto de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias.



Entroncamento das ruas na entrada do bairro Irapuá II. Foto 04 – Contexto empírico da Pesquisa (Arquivo da pesquisadora)

Devido a sua posição geográfica, Floriano passou a ser ponto de referência para a comercialização: compra e venda de produtos com outros Estados. Nesse processo de mudança do município foi se consolidando, o caráter comercial a cidade de Floriano dar-se devido ao Rio Parnaíba que era navegável e assim ocorria o transporte Fluvial (IBGE, 2015).

Um aspecto que fortaleceu a escolha do bairro Irapuá II foi pelo fato do local ter uma história de ocupação de homens e mulheres negras e participantes que residem no local desde que nasceram, sendo quase todos família Zinidor.

### 3.7 Sujeitos da pesquisa

Entendemos que a seleção de participantes de uma pesquisa inicia-se em seus grupos naturais que segundo Bauer e Gaskell (2008) os indivíduos relacionam-se ao mesmo tempo, dividem momentos em comum de um passado ou vislumbram um projeto futuro em comum, que podem usar os mesmos meios de comunicação, ou ter valores e tradições mais ou menos semelhantes e essas características formam o meio social de grupos naturais.

Para escolhermos as participantes, foi necessário fazer uma visita ao campo de estudo, ou seja, ao Bairro Irapuá II de Floriano, Piauí com o intuito de se familiarizar com o lócus e as mulheres negras as quais foram feitas as entrevistas, pois para Ferrarotti (2014, p.34) “[...] a interação que vincula pesquisador aos participantes de sua pesquisa, a fim de alcançar um intercâmbio válido e socialmente aceito.” O primeiro critério para a escolha das entrevistadas era que fossem da família zinidor, e, em segundo, que morasse no bairro Irapuá II, assim escolhemos duas mulheres jovens, duas adultas e duas idosas.

Tivemos ainda a participação de dois co-participantes na construção desse estudo, pois foi a partir dessas narrativas que fizemos a seleção das participantes, como também construímos o terceiro capítulo, dessa dissertação.

Quadro 1 – Perfil dos participantes

Nome	Ano de Nascimento	Grau de escolaridade	Estado Cível
Adalgisa Ferreira de Sousa	1935	1º ano do primário	Viúva
Maria Daguia Silva de Sousa	1949	Ginásio	Viúva
Maria de Fátima de Sousa Oliveira	1963	Curso superior incompleto de pedagogia	Separada
Luzilene da Silva Dias	1978	7º série (8ºano)	Casada
Mayara Batista Carvalho	1993	Ensino médio completo e técnico em Enfermagem (concluindo)	Solteira
Faiane Rangel Pereira da Silva	1993	Ensino médio completo e técnico em informática	Solteira

Fonte: Sousa (2016).

### 3.7.2 Como as mulheres Zinidores se apresentam

#### 1

#### **Adalgisa**

Adalgisa Ferreira de Sousa, nascida em 1936. Tenho 80 anos, tenho 11 filhos, fomos nascidos e criados aqui. Me casei com 18 anos, com meu esposo namorei pouco tempo, parece que não foi nem um ano. Casei aqui e fiquei morando aqui mesmo, meus filhos foram criados todos aqui mesmo. Era tendo as crianças e trabalhando para ajudar o marido, povo tudo pobre, não tinha emprego. Ai eu botei um bar, trabalhei muito tempo com bar, encerrei porque não aguento mais lutar com essas coisas, porque a gente mexe com muita gente. A vida aqui no Irapuá II era todo mundo trabalhando, lutando, não tinha emprego, meu pai mesmo ele vivia de carroça, ele tinha uma carrocinha para carregar as coisas, levava lá para o mercado.

Fonte: Sousa (2016).

#### 2

#### **Daguia**

Maria Daguia Silva de Sousa, nascida 1949. Tenho 67 anos. Casei com 15 anos e tive cinco filhos dois homens e três mulheres, meu marido morreu 2005. Minha vida foi muita corrida desde os 10 anos de idade que trabalho (muito duro, muito duro a minha vida e eu que gostava mesmo é (e ainda estudei até o ginásio né. Casei com 15 anos e tive cinco filhos dois homens e três mulheres.

Fonte: Sousa (2016).

#### 3

#### **Luzilene**

Luzilene da Silva Dias, nascida em 1978. Tenho 38 anos, sou casada á19 anos moro no bairro desde quando eu nasci, e tive uma infância maravilhosa, eu tive uma infância boa, a gente brincava muito, naquele tempo não tinha... Agora tem calçamento, mas naquele tempo não tinha calçamento, então a gente brincava na areia, a gente subia em pé de pau, a gente ia para o riacho que tinha ali em baixo, eu tive uma infância maravilhosa.

Fonte: Sousa (2016)

**4**  
**Fátima**

Maria de Fátima, nascida em 1963. Tenho 53 anos. Separada. Moro aqui no bairro Irapuá II desde que eu nasci. Trabalhei em casa de família, assim que eu me separei, trabalhei seis meses. Hoje sou agente de saúde e tenho o curso superior incompleto de Pedagogia. Tive dois filhos. Da minha mãe eu acho que eu herdei quase tudo, a mesma sorte...Eu gosto de morar aqui no bairro, agora não sou apegada, e nem quero me apegar a bem material e nem casa, porque se for pra me mudar para outro bairro e tiver outra casa, eu vou numa boa.

Fonte: A autora (2016).

**5**  
**Faiane**

Faiane Rangel Pereira da Silva, nascida em 1993. Tenho 23 anos. Solteira. Moro no bairro Irapuá II desde pequenininha. Trabalho desde pequenininha, eu trabalhava com doce já desde pequenininha, a gente já ia caçar caju, tratar, fazer um monte de coisa, desde pequenininha, eu nunca achei ruim, com certeza foi um ensinamento. Todo mundo de casa trabalha com doce. Parei esse ano de trabalhar (2016) em escola como cuidadora, agora to só aqui na barraca vendendo os doces.

Fonte: Sousa (2016).

**6**  
**Mayara**

Mayara Batista Carvalho, nascida em 1993. Tenho 23 anos. Solteira. Moro no bairro desde quando eu nasci, tive infância, tive adolescência. Eu nunca trabalhei, nem nas casas dos outros, hoje em dia é que eu vou, que minha avó trabalha em casa de família, ai que a gente vai ajudar, ai como eu estudo e só ela que banca, ai por exemplo, tem conhecidos dela que tem chácara, essas coisas a fora, ai precisa um fim de semana, ajuda, pra ta lá ajudando, ai eu vou, eu não tenho medo de trabalho, apesar de nunca ter trabalhado, eu não tenho, medo nem preguiça de trabalhar em alguma coisa não, fui criada com isso não, nunca teve mordomia, ninguém aqui nunca teve mordomia, todo mundo teve que aprender a se virar cedo, desde cedo todo mundo se vira..

Fonte: Sousa (2016)

### 3.8 Análise e interpretação dos dados da Pesquisa

O maior problema em fazer interpretações das histórias de vida de pessoas, grupos comunitários está em dar sentido sem diminuir as significações dos conjuntos dos fatos. (POIRIER, 1999). Assim precisamos de um instrumento de análise que nos ajude a realizar interpretações de um corpus de muitas informações. A análise de conteúdo é um trabalho que requer muita paciência e um olhar minucioso, um tratamento delicado com todas as informações colhidas no campo de estudo. Assim no momento das análises fomos conduzidas primeiramente pelas orientações de Poirier (1999), construindo as categorias e depois seguimos as orientações do Weber (1998) no que diz respeito às interpretações das narrativas das mulheres negras zinidores.

Iniciamos, então, com as orientações de Poirier (1999) na construção das nossas categorias de análises que é a pré-análise para o autor. Essa primeira fase é o momento em que o pesquisador faz a classificação dos documentos, ou seja, ordena o material que construímos no decorrer do estudo, pois cada história de vida deve ter um tratamento minucioso com o intuito de não se perder nem uma informação sinalética.<sup>4</sup> Então, fizemos uma leitura cuidadosamente de todas as narrativas a título de buscar os significados. Nessa primeira fase levantamos os pontos particulares de cada participante da entrevista a fim de identificá-las<sup>5</sup>.

Após passarmos para a segunda fase, que o autor chama de Clarificação do corpus, nesta fase elaboramos os perfis biográficos<sup>6</sup> além de fazemos também um estabelecimento de um léxico Thesaurus<sup>7</sup>, ou seja, organizamos um dicionário com os termos que elas utilizavam nas narrativas. Para o autor o momento da análise de conteúdo requer do pesquisador uma maior atenção, pois em cada informação existe variedades de significados. “É preferível, pois transcrever o texto oral tal qual: não se deve, em caso algum,

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/sinal%C3%A9tica>> Acesso em 22 dez. 2016.

<sup>5</sup>Quadro 1 - Perfil das Participantes;

<sup>6</sup>Como as mulheres Zinidores se apresentam;

<sup>7</sup> O léxico Thesaurus é o levantamento da terminologia própria da população, isto é, o universo particular do discurso

modificá-lo, nem lhe mudar o estilo, mas simplesmente decifrá-lo” (POIRIER, 1999, p.108).

Depois de fazer o levantamento das palavras que as participantes utilizavam em seu cotidiano quando se referem a elas e as situações vivenciadas no bairro Irapuá II, para o autor o léxico evita termos de substituir e conserva as formas pessoais do sujeito, após essa fase prosseguimos para a terceira fase que foi a compreensão do corpus que é o momento de fazer uma descrição dos textos, fazendo um inventário lexical das narrativas. Nessa etapa, começou a aparecer os termos que mais se repetiram em todas as entrevistas nas recomendações de Poirier quando as rubricas do corpus começaram a aparecer, comecei a elaboração do sistema categorial da pesquisa. “Cada rubrica dá lugar à elaboração de um léxico thesaurus” (1999, p. 116).

Organização do Corpus foi a nossa quarta etapa, pois foi o momento de analisar o conteúdo, pois está quarta etapa envolve o levantamento e ordenamento do vocabulário dos sujeitos, momento também que o pesquisador mergulha no universo do discurso das narrativas. Com forme a Bardin (1977 citado por Poirier, 1999, p. 117) “a categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados em bruto”.

Foi nessa etapa que fizemos uma relação com as diferentes histórias, uma análise na horizontal, por isso que foi importante elaborar um quadro categorial a fim de não perder informações significantes do discurso das mulheres negras do bairro Irapuá II, essas categorias foram elaboradas em função do aporte teórico que nos proporcionou uma maior compreensão envolta do objeto de estudo, como também é essencial no momento das entrevistas.

A escolha destas categorias, se obedece a certas regras técnicas de exclusão mútua, de pertinência, de homogeneidade e de eficácia, é da responsabilidade do investigador ou da equipe de pesquisa. As histórias de vida não constituem, de modo algum, um inquérito verificatório, não visam nem elucidá-los e descrever acontecimentos vividos (POIRIER, 1999, p.117).

Na continuidade, passamos para quinta etapa que é a organização categorial, nesse momento já havia emergindo das narrativas os termos vida

pessoal, educação, trabalho, casamentos endogâmicos e preconceito em relação à origem de lugar, repartimos o texto segundo as diferentes categorias. Para finalizar fizemos o somatório das histórias de vida que é a sexta fase do sistema categorial trabalhamos então com categoria, pois de acordo com Poirier (1999, p.118)

Trata-se pois, [...], de estabelecer o sistema categorial que permitirá reunir os elementos do inquérito e analisá-lo numa dupla perspectiva, horizontalmente e transversal – de estabelecer, portanto, um sistema que permita ventilar respostas.

Assim depois de várias idas e vindas nas leituras feitas nas transcrições da vida das participantes do estudo, chegamos às seguintes grelhas de análises que emergiram do esboço das vozes das mulheres negras do bairro Irapuá II. Pelas narrativas percebemos que a vida pessoal para as participantes é muito importante, pois é o momento que elas enfocam toda a educação e cultura delas. Logo após seguimos as orientações do método compreensivo que é interpretar as narrativas. Na primeira categoria aparece à vida pessoal das participantes que compreende a escolarização e os casamentos endogâmicos, pra nós foi surpresa quando surgiu uma categoria emergente, que foi o termo trabalho.

## 4 PERFIL HISTÓRICO FISIAGRÁFICO DE FLORIANO – PI

Neste capítulo apresentaremos um breve histórico da formação do município de Floriano, como também contar a história do próprio bairro Irapuá II que está localizado no município supracitado, abordaremos ainda nesse capítulo a questão da espacialidade e temporalidade como processo de ocupação e formação de uma comunidade e os preconceitos que vão se construindo enquanto os estereótipos e a origem do lugar.

### 4.1 Da colônia Imperial ao título de princesa do Sul

Antes de falar do bairro Irapuá II, que é o lócus da pesquisa, é importante destacar o município de Floriano, apresentando sua localização no estado Piauí. Cabe aqui ressaltar que para encontramos a história do bairro foi necessária ouvirmos narrativas de pessoas que nascerão na década de 30 com o intuito de percebermos os pontos de convergência e divergência a fim de construirmos a história do bairro sem enaltecer ou minimizar a sua importância na formação do município de Floriano.

Ilustração 1: Mapa de Floriano-PI



Fonte: [www.mapas.guiamais.com.br/Floriano-pi](http://www.mapas.guiamais.com.br/Floriano-pi)

Iniciamos então falando sobre Floriano município do estado do Piauí, que está situado a 253 KM da capital Teresina. “Localizada na zona fisiográfica

do médio Parnaíba, no exato local onde o rio se curva em graciosa mensura aos seus encantos de princesa do sul, Floriano, a outrora florescente colônia de São Pedro de Alcântara...” (DEMES, 2002, p. 25). O Parnaíba do qual a autora se refere é rio que no início da formação do município era navegável, o mesmo tem uma extensão que banha toda a cidade, como também o território da cidade vizinha Barão de Grajaú (MA), em relação a sua população estimada de 58.803 hab. (IBGE, 2015) que ocupa uma área total de 3.409,649 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 16, 92 hab/KM<sup>2</sup>.

O Município tem uma história que remonta ao ciclo da criação de gado no século XVII, em tempos passados conhecida como um estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara criado para ser uma colônia de propriedade do Governo Imperial. Projeto do Agrônomo Francisco Parentes, que conseguiu, em 1873, sua indicação para fundar e administrar o Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara pelo prazo de 15 anos. Esse estabelecimento tinha como objetivo ensinar artes mecânicas e agrícolas para os meninos e as meninas as prendas doméstica, bordar e cozinhar. Estudavam nesse ambiente os filhos de escravos das fazendas nacionais beneficiados pela lei do ventre livre.

Na área do estabelecimento era proibida a construção de casas particulares e edifícios, o espaço era reservado aos edifícios da colônia. Uma proibição que se estendia as imediações do estabelecimento rural. Com a morte de Agrônomo Parentes quem assume a administração é Ricardo Ernesto de Carvalho o novo encarregado a administrar as fazendas nacionais.

Ricardo Ernesto de Carvalho foi realmente quem deu emancipação para Floriano, ai foi onde o povo de Amarante veio para cá [...], dessas famílias aqui de Floriano, nenhuma é originaria de Floriano, é de cidades aqui vizinha, Amarante, Oeiras, Jerumenha, Manga, São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Porque vieram para cá, ai os filhos nasceram aqui. Os árabes, vieram para cá, e os filhos nasceram aqui. (Trecho da fala do Prfº. Dr. Djalma, 2016)

Em 1890, o povoado do estabelecimento foi elevado à condição de vila e, ao ser anunciado que a colônia ia ser considerada uma cidade, ou melhor, ser emancipada criou-se bastante expectativas e entusiasmos entre os moradores que residiam em povoados vizinhos, em 8 de julho de 1897 quando então o governador da época capitão Raimundo Arthur de Vasconcelos recebe o projeto e sanciona a lei 144, que apresentava o seguinte texto:“eleva a

categoria de cidade com a denominação de Floriano a vila da colônia” (DEMES, 2002, p.140). A escolha do nome deu-se em homenagem ao então presidente da República Floriano Peixoto. Nesse processo de mudança dentro do município foi se consolidando com um caráter comercial devido ao Rio Parnaíba ser navegável e assim ocorria o transporte Fluvial (IBGE, 2015).

O rio Parnaíba era navegável, então chegava àquelas barcas com frutas, porcos, criação, os comércios vendiam demais. Tinha vezes que a pessoa nem ia no mercado comprar nada, elas desciam direto para o rio, [...]” (Trecho da fala do seu Zeca Zinidor, 2016).

Floriano começou a se desenvolver a partir do estabelecimento rural (situava a frente do rio Parnaíba) ao centro. As famílias de posse que chegavam ao município construíam suas residências e comércio no centro de Floriano área que antes era da colônia imperial. Baseado no trecho da fala do profº. Dr Djalma Floriano tinha uma divisão social em relação à espacialidade

[...] essa divisão social, a rua do Bandeira era a rua dos pobres, ai tinha a rua do Bandeira, a rua da Malva, a rua do Amarante, entendeu? Era a rua dos pobres, ai o centro aqui era da elite. A rua sete de setembro, chamava rua do Mulambo, Porque só morava pobre, [...] nesse tempo, o centro da cidade que ainda hoje é ai, era o centro das famílias mais elitizadas. (2016).

Em 1911, a cidade, ou seja, o centro de Floriano, já começava a ter um aspecto mais urbano, com praça, edificações e casas comerciais estilizadas e confortáveis, nas quais os donos eram pessoas de posse. No ano de 1928 é fundada a primeira escola Pública em Floriano que oportunizou os filhos das pessoas de classe baixa estudar o primário. A escola recebeu então o nome de Agrônomo Parente em homenagem ao fundador da colônia.

Na década de 1930, Floriano estava pleno desenvolvimento social e econômico, em função da navegação do rio Parnaíba e do extrativismo vegetal, com a extração da cera da carnaúba, principal produto de exportação. O colégio que Francisco Agrônomo Parentes fundou, já não existia. O prédio havia sido direcionado para ser a coletoria de rendas, como também ser depósito dos produtos que eram exportados pelo porto de Floriano. Um município relativamente pequeno, mas tinha um alto desenvolvimento na

exportação, pois os produtos vinham de outros locais. Segundo o Prof<sup>o</sup>. Dr. Djalma:

Floriano estava crescendo, e ai tinha aquela comunicação oral, “arruma um lugar bom aqui, que a gente consegue emprego, que tá correndo dinheiro, não sei o que” “a cidade é Floriano”. Isso aconteceu ate o início da década de 1950. (2016)

A cidade foi durante muito tempo um importante ponto de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias. Devido a sua posição geográfica, Floriano passou a ser ponto de referência para a comercialização: compra e venda de produtos com outros Estados. O enfraquecimento do comercio se deu partir da construção da Usina Hidrelétrica de Boa esperança e a construção de rodovias que mudou as rotas comerciais. De acordo com Albuquerque Júnior “o espaço nasce das disputas no campo político, das diferenças de situação econômica e social dos espaços e populações das várias áreas do país.” (2012, p.33). O espaço geográfico do município foi sendo transformando pelas ações do homem, e através das mudanças físicas, ocorrem mudanças econômicas, culturais e sociais.

É a partir dessas transformações que aconteceram no lugar que consolidou a segregação dos grupos étnicos por sua cultura e poder aquisitivo, surgindo por parte de alguns indivíduos as discriminações pela origem de lugar a partir da construção de um estereótipo traçado em função da cor da pele, cabelo, maneiras de agir e pensar, ou seja, pelos comportamentos dos sujeitos.

#### **4.1 A discriminação baseado no estereótipo e a origem do lugar**

O espaço em qualquer momento histórico é reconhecido como resultado da produção do ser humano. As modificações que ocorrem é produção do homem, e produzir mesmo que seja através das transformações do ambiente é construir um espaço, nesse pensamento entender o espaço nessa pesquisa como uma construção mental e física do meio que o sujeito está inserido. As mudanças culturais foram acontecendo de acordo com decorrer do tempo, as transformações sociais, econômicas vieram através do desenvolvimento do País.

Nessa perspectiva as pessoas também mudam as suas ações surgindo então outras histórias sociais. O preconceito velado através de atitudes cordiais de alguns grupos é uma das características de um país como Brasil que usa muitas vezes de uma educação para disfarçar o seu pensamento de superioridade. As ações de grupos sociais no passado construirão uma cultura própria e de residência em cidades ainda segrega moradores devido à localização geográfica.

Muitos dos conceitos pré-estabelecidos em relação ao lugar onde o indivíduo reside ou a criação de um estereótipo baseado em aparências ou modo de vida das pessoas estão muitas vezes ligados a questões políticas que causam problemas econômicos, que refletem nas relações sociais e culturais. O preconceito é entendido por Albuquerque Júnior como “um conceito prévio, conceito sobre algo ou alguém que se estabelece antes que qualquer relação de conhecimento ou análise se estabeleça” (2012, p.11).

Percebe-se que na sociedade atual o termo preconceito é bem corriqueiro e utilizado quando não aceitamos o que nos causa estranhamento, então, já criamos barreiras para nos aproximar ou conhecer. Exemplos mais assertivos sobre isso é a questão do estereótipo, que surge de uma descrição grotesca, e muito rápida discriminando sujeitos de grupos que na visão de algumas pessoas esses grupos causam estranhamentos, sem levar em consideração que as diferenças, não são para separar, e sim uma forma de unir a população.

Historicamente, as sociedades faziam uma forma de seleção relacionando-se com pessoas de características desejáveis perpetuando suas ‘raças’. Porém, a explicação mais assertiva é baseado na genética evolucionista que irá explicar que as diferenças físicas entre grupos de indivíduos, na qual as pessoas percebem raça como um produto que foi passando por um processo evolutivo, ligado ao acaso e a escolha natural, foram importantes para afirmação de uma raça. Não negando que em algumas sociedades havia endogamia, ou seja, o casamento entre pessoas do mesmo grupo social, nessa lógica é evidente que se mantinha uma etnia em determinado local (OSÓRIO, 2003). O estereótipo é sempre uma visão rápida e negativa de quem observa o outro quando se trata do fenótipo, do cabelo ou do lugar onde se mora.

O preconceito é muitas vezes, percebido pela condição financeira, étnica, religiosa, mas as formas mais comuns de encontrarmos o preconceito no nosso cotidiano estão relacionados principalmente ao fenótipo e a questão social. Quando uma pessoa sofre discriminação por descender de um grupo étnico se afirma que parte de um preconceito de origem (OLIVEIRA, 2006). O preconceito em relação ao fenótipo causa muitas vezes invisibilidade e sentimento de inferiorização que implica em lutas por espaços no cenário político, econômico e cultural do país. Pois se o país tem uma política da diferença, as pessoas que moram nos subúrbios ou zonas periféricas das cidades eles procuram tornar visíveis seus pertencimentos e a sua herança cultural.

Em relação ao preconceito quanto à origem geográfica ele marca a pessoa inferiorizando pelo fato de pertencer a uma cidade, bairro ou território. É importante perceber que as coisas que odiamos ou rejeitamos estão muitas vezes ligadas ao passado, ou pelas mudanças culturais que aconteceram durante o processo de evolução e transformação da sociedade. A forma de qualificar, descrever os indivíduos, ver o ser humano de um ambiente, cheios de conceitos pré-estabelecidos, pois de acordo com Albuquerque Júnior o que “pensamos e produzimos em outro momento, em outro contexto histórico, motivado por situações diferentes das de hoje, mas que, no entanto, continuam se repetindo em opiniões, imagens e estereótipos, [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 19).

Em tempos passados alguns grupos já viviam isolados, mas isso se dá devido às desigualdades sociais que segregam e essas pessoas vão parar em espaços marginalizados em detrimento das condições financeiras. As situações sociais não repetem da mesma forma e nem com a mesma intensidade, elas são diferentes porque o tempo e o espaço são outros, o tempo passageiro e o espaço modificado conforme as ações do homem.

O espaço é a maneira como cada pessoa percebe Cassirer (1957, citado por SANTOS, 2012, p.156) a forma do espaço se “faz pela reunião de dados particulares que provêm dos nossos sentidos, de sua comparação e da construção que sua correlação trona visível.” Os discursos arrogantes de quem se julga superior a outra pessoa por residir em lugares desenvolvidos economicamente e culturalmente, muitas vezes essa forma de agir está

relacionada com o modo de criação, pois ambientes arraigados de preconceitos eles tendem a ser repassados em berço familiar.

#### **4.2 As espacialidades e temporalidades no bairro Irapuá II**

O bairro Irapuá II está situado no município de Florianópolis no perímetro inicial e final partindo do entroncamento da Rua Hermano Brandão com o Riacho da Vereda Grande, Rua Hermano Brandão, Avenida Dirceu Arcoverde, Avenida Santos Drumond, Rodovia BR 343 (Av. Alfredo Gaze), Riacho Vereda Grande.

A história aqui apresentada parte de vozes de pessoas que pesquisam a história de Florianópolis, como dos filhos e filhas dos primeiros negros que aqui chegaram e contribuíram com a formação do município de Florianópolis, as narrativas para essa construção são de memórias herdadas dos filhos que agora contam a história do local onde seus pais viveram e pesquisadores que buscam as raízes da história do município. A história dos moradores da Vereda Grande, hoje, conhecida como bairro Irapuá II, inicia-se, primeiramente, na ocupação de um terreno que nos dias atuais é conhecido como bairro manguinha. Em 1913, quando vieram de Oeiras e aqui chegaram foi o primeiro espaço que os negros que ocuparam, em tempos passados esse local era uma verdadeira mata que tinha bastante pés de manga e pequi.

Os negros que moravam na Manguinha ficaram conhecidos como negros zinidores. Esse termo é dado de início porque os negros que moravam ali gostavam do tambor e nos finais de semanas eles alegravam o bairro com os seus batuques, fazia um barulho que se ouvia em toda a cidade. (ROCHA, 1994), era um zinido danado, que outros moradores de regiões próximas ao local dizia é um zinido, que ninguém aguenta. O termo também Zinidor faz referência ao tom e som emitido pelos negros no momento que estavam dialogando, parecia que estavam discutindo, porém era o modo deles falarem. Pelas narrativas das mulheres dizia que eles falavam muito alto que de longe já escutava as conversas, então, já fazia referência: “são os negros zinidores”. Como podemos perceber no trecho da fala do seu Zeca Zinidor.

Ali onde é manguinha tinha a nossa família e eles eram praticamente donos de tudo aquilo ali, hoje já venderam tudo, um foi para um lado, outro para outro. Quem mora lá só os mais velhos, ai ficou esse negócio essa história ai do zinidor, inventaram essa história ai porque era só ela lá, naquele tempo era só eles, não tinha nem hospital ali, eles falavam alto, ai o povo colocou esse apelido de zinidor. Eu nasci ali, da manguinha para o Irapuá, ai nesse tempo não tinha Irapuá II, era a vereda, ali a gente só passava do hospital pra cá, não tinha nem Irapuá I e nem dois, era só a vereda, ai esse povo foi morar pra la e começou a espalhar, ali mesmo na vereda tem zinidor e é muito. O pessoal que chama de zinidor é porque fala alto, porque ali tem gente muito mais preto que a gente e ninguém nunca chamou de zinidor, chamavam essa família nossa porque eles falavam muito alto mesmo, não tinham normas de falar, era de toda altura. A manguinha quase toda era zinidor, agora não tem mais porque já venderam. (Trecho da fala do seu Zeca Zinidor, 2016)

É natural a construção de conceitos elaborados em torno de uma região e dos moradores, e esses conceitos eles podem em qualquer momento tornar preconceitos, devido a mudança de sentido que sofre no decorrer do tempo, depende também da forma do discurso em relação aos conceitos. Os preconceitos eles são elaborados da forma como a outra pessoa ver e diz o que esse espaço e povo que ali moram são, esses discursos impregnam culturalmente, pois é veiculada de várias maneiras e se construídos verdades, estereótipos, preconceitos sobre determinados grupos sociais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012).

Outra forma que é construído o preconceito em relação à origem geográfica é a de considerar a nossa própria cultura como parâmetro para avaliar as culturas de outros grupos étnicos. Dessa forma colocamos umas culturas como superiores e outras como inferiores, esquecemos que os processos educacionais de todos os indivíduos acontecem de forma de diferente e individualmente.

Na década de 1930, com o desenvolvimento e o crescimento do município de Floriano, as famílias de fenótipo negro que moravam na manguinha migraram para vereda, ou seja, o bairro Irapuá II. Essa migração se deu pelo processo de crescimento do município, mas também por causa da localização do bairro vereda que ficava próxima de um riacho e facilitava plantação de abastecimento de água nas residências das famílias zinidores. Nesse período, não tinha uma rede de abastecimento de água, então, havia uma necessidade de carregar a água em lata para consumo e outras atividades do lar.

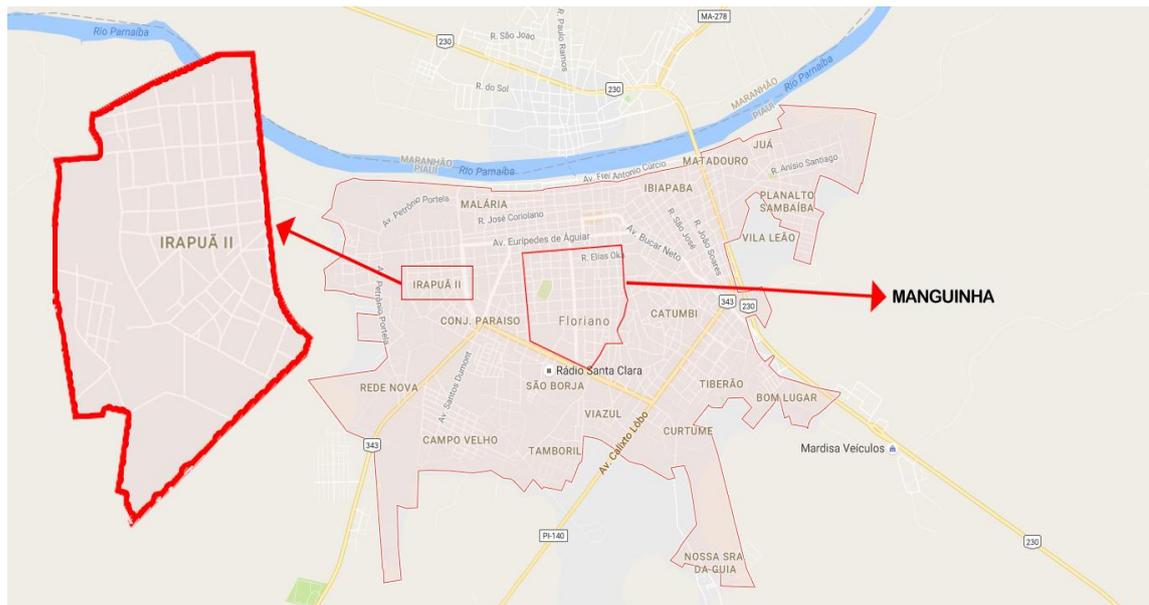
Vale ressaltar que essas famílias têm sua formação familiar construída a partir de parentes próximos, no bairro antes chamado de vereda, hoje de Irapuá II podemos encontrar praticamente as famílias construídas a partir de casamentos endógamos primos com primos. “Ali quase todo mundo é casado com parentes, CC (Cicero) é casado com uma prima dele, esse que eu falei que é sanfoneiro, é casado com uma prima legítima também, e assim vai, é difícil ter um que não seja casado com um parente” (Trecho da fala do seu Zeca Zinidor, 2016).

Quando a família zinidor chegou ao local, onde hoje é chamado o bairro Irapuá II, eles foram transformando e modificando o meio, pois a “criação do homem fez-se pela modificação de suas relações com a natureza.” (SANTOS, 2012, p.157). As produções do ser humano foram diferentes, a necessidade do indivíduo que motiva o ato de produzir. Grupos sociais isolados criam por meio da sua própria produção, uma segunda natureza o seu espaço geográfico. Por isso que eles têm o bairro como o meio social e definem como o melhor lugar para se viver, porque eles produziram o próprio espaço. Em tempos passados, alguns grupos já viviam isolados, mas isso se dá devido às desigualdades sociais que segregam e essas pessoas vão parar em espaços marginalizados em detrimento das condições financeiras.

O bairro recebe o nome de Irapuá II em 1985 com a fundação da associação de moradores, com a criação da associação o bairro é dividido em Irapuá I e II, mas as mulheres elas gostam mais de chamar de vereda, pois foi o nome dado por um dos moradores que ali primeiro chegou como podemos perceber na fala da Dona D´água:

[...]é tradição mesmo (e vereda)vereda é por que aqui chamava primeiro vereda né ai depois que meu avo passo quando meu avo morreu ai passo rua Sirilo Martins ai depois boto nogueira Paranaguá, Irapua II.

Ilustração 2: Mapa de Irapuá II



Fonte: [www.mapas.guiamais.com.br/Floriano-pi](http://www.mapas.guiamais.com.br/Floriano-pi)

## 5 ESCUTANDO VOZES, INTERPRETANDO NARRATIVAS

Neste capítulo, apresentamos as nossas interpretações através das narrativas das mulheres que participaram do estudo. As seis<sup>8</sup> mulheres que participaram do estudo são da família Zinidor filhas, netas e bisnetas de homens negros e mulheres negros, que chegaram ao bairro hoje chamado de Irapuá II, antes conhecido como Vereda Grande. As entrevistadas, narram suas vivências falando da cultura, educação e do lugar onde moram, esse estudo emerge de dentro do município de Floriano- PI no ano de 2016.

O propósito das narrativas das mulheres negras é fazer um levantamento de informações valiosas, a respeito da educação e cultura percebendo as mudanças culturais e sociais que aconteceram no cenário passado e no atual. Nossas participantes têm uma faixa etária e o grau de escolaridade bastante diversificado, como também tem o fenótipo<sup>9</sup> negro. Idades entre 80 e 23 anos de idade. Todas as participantes nasceram e foram criadas no município e no bairro Irapuá II.

### 5.1 Educação e trabalho uma cultura construída na relação das mulheres negras zinidores do bairro Irapuá II

O grau de escolarização da Dona Adalgisa Ferreira de Sousa tem relação com a quantidade de ensino que era oferecido na década de 30 no Brasil. As informações nas narrativas da Adalgisa testemunha essa realidade.

Eu só estudei ate o primeiro ano, porque nois nessa época, as mães botavam a gente era para trabalhar, não era para estudar, algumas mesmo que estudaram, mas foi muito pouco o estudo nosso. Naquela época, pra cá não tinha escola, mamãe tinha um quarto alugado para a prefeitura, pra dona Luci botar uma escolinha pra começar a estudar lá as crianças. E passou muitos anos com ela alugado para a prefeitura depois com muito tempo foi que construíram esse grupo escolar.

Leio e escrevo muito pouco, agora meus filhos já são formados muitos, mas eu mesmo a leitura foi pouca, eu criei eles foi lutando não sabe? Braçal, trabalhando.

---

<sup>8</sup> Inicialmente, foram entrevistadas 08 mulheres com faixa etária e grau de escolaridade diferente, mas optamos por trabalhar apenas com seis mulheres (duas idosas, duas adultas e duas adolescentes).

<sup>9</sup> Reunião das características particulares ao indivíduo que podem ser visíveis ou detectáveis; manifestação perceptível do genótipo. [www.dicio.com.br/fenotipo/](http://www.dicio.com.br/fenotipo/)

Agora nossos filhos, já alcançaram estudo, já tem muito formado, eu tenho umas netas que são formadas, trabalham no SAMU, trabalha no posto e outras em loja. (Adalgisa, 23/11/2016).

A oferta da educação básica a população brasileira deveria “compreender o direito à educação de todos os indivíduos, desde o nascimento até a conclusão do ensino médio [...]” (OLIVEIRA,2000, p. 309). A educação formal é essencial na vida de uma pessoa, pois é através dela que os sujeitos transformam as suas realidades. De acordo com Romanelli (1986, p. 83) a “deficiência do sistema educacional revela-se pela sua capacidade de transformar a demanda potencial em demanda efetiva”.

O governo teve e ainda tem dificuldades em relação à oferta do ensino para todos independente do território que está localizado. A expansão do ensino no Brasil iniciou em 1930 devido às mudanças socioeconômicas ocorridas a partir dessa época, ao analisarmos o contexto social dos indivíduos que estavam inseridos nesse momento histórico podemos perceber que a expansão do ensino foi enorme em termos quantitativos, mas não foi o suficiente para atender a população com idade própria para receber educação, principalmente para as regiões norte e nordeste.

Baseados no censo de 1940, tinham 13.279.889 analfabetos no Brasil e esse número elevou para 17. 936.887 nos ano de 1970 os números de escolas não eram suficientes para a demanda social que existia no País e nem todas as regiões foram beneficiadas com escolas públicas para todos, o que mostra o pouco interesse por parte do governo em diminuir as desigualdades educacionais no Brasil. (GADOTTI, 2008)

A educação brasileira é fortemente marcada por desníveis, que não atingem a todos da mesma forma e nem atendem as reais necessidades educacionais, sociais e econômicas das pessoas, levando muitas famílias brasileiras pobres a sobreviverem dos saberes culturais repassado de pai para filho. O direito a escolarização é necessário na vida de uma pessoa, pois a falta da mesma atrapalha diretamente na qualidade de vida. É perceptível que à medida que a educação escolar não é oferecida a todos os cidadãos, ela passa a ser um privilégio de poucos. (GADOTTI, 2008)

As instituições brasileiras de educação deveriam ser para a sociedade um espelho para que as “gerações mais velhas transmitirem as mais novas os

resultados de suas experiências, [...]”. (ROMANELLI, 1986, p. 23). Quando a participante informa que teve que ir trabalhar em vez de estudar, demonstra que a educação formal é instrumento de reforço das desigualdades, que a função das escolas brasileiras é ajudar a manter o privilégio de classes.

Mas na ausência de escolas públicas para que todos pudessem estudar, podemos perceber as redes de escolarização doméstica ou conhecidas particulares. Essa forma de ensino retoma Farias Filho (2000) o século XVIII e XIX tempo do Brasil colonial que o governo buscava improvisar os ambientes escolares: igrejas, sacristia ou na própria residência dos mestres. Os alunos se dirigiam para o local passavam algumas horas e essas horas eram divididas em sessões, ou seja, horários para os alunos frequentar esse espaço escolar.

Como podemos perceber que o aprender a ler da dona Adalgisa iniciou na rede de escolas domésticas, na falta de escolas públicas suficientes para todos da população, improvisação de espaços escolares para que as crianças pudessem ter acesso às primeiras letras. A mãe alugou um quarto para o governo municipal para a professora ensinar as crianças que ali residiam, essa forma de educação Farias Filho chama de rede de escolarização doméstica que muitas vezes também era conhecida como particulares. Para o autor a “Grosso modo pode-se dizer que tais escolas utilizava-se de espaços cedidos e organizados pelos pais das crianças e jovens aos quais os professores deveriam ensinar.”(p.21).

Farias Filho (2000) afirma que essa rede de escolarização doméstica ou particular atendia um número superior de pessoas do que a rede pública. O aprendizado das primeiras letras para os negros também era difícil, pois segundo o autor os negros eram proibidos de frequentarem as escolas mesmo depois da lei do ventre livre.

Em todas as escolas, era, geralmente, proibida a frequência de crianças negras, mesmo livres, até pelo menos o final da segunda metade do século, o que não impedia, todavia, que elas tomassem contato com as letras e, às vezes, fossem instruídas, sobretudo no interior de um modelo mais familiar ou comunitário de escolarização. (FARIAS FILHO, 2000, p.22).

Os espaços e o tempo ensinam os indivíduos a interiorizar comportamentos e as representações sociais de segregação de grupos, é notável que a não existência de escolas públicas para todos e principalmente para homens e mulheres negras apresenta um modelo de segregação de

peças com o intuito de se manter uma relação de superioridade e inferioridade tanto no que tange a questão econômica como cultural.

Romanelli (1986), será a partir de 1950 que as taxas de escolarização de nível primário já atendiam mais de 50% da população no ensino primário o que indicava uma máxima de nível elementar naquela época. “Em 1950, no estado mais rico do país 42,9% de crianças da faixa etária de 7 a 14 anos sem receber qualquer educação.” (p.82). Se fizermos uma reflexão profunda imaginando que os estados mais ricos estão nas regiões sul e sudeste que estavam em pleno desenvolvimento econômico, devido a industrialização ainda existia esse número expressivo de crianças sem educação escolar, imaginemos os filhos de pobres que moravam aqui em Floriano região nordeste no interior do Piauí.

A Daguia estudou mais, porque ela é mais nova que eu e muito, ai nesse tempo já tinha. Daguia e Aninha são das caçulas das mulheres [...]. (Adalgisa, 23/11/2016).

Eu estudei no Jonas leal e Pedro Simplício por que naquele tempo quando eu estudei era ginásio porque agora ai eu fiz o ginásio completo. Porque quando eu terminei eu estudei até a oitava primeira ate a segunda ai era assim porque era ginásio ai eu estudei o primário todim ai entrou no ginásio ai nesse tempo chamava ginásio né ai foi o tempo que eu arranjei serviço em 76 ai eu comecei a estudar de manhã e ia trabalhar de tarde ai meu sonho era estudar, estudei já casada trabalhava ai na folga eu ia gomar roupa na casa da dona Zélia trabalhei. (Daguia, 20/11/2016).

Entretanto, as histórias narradas por essas mulheres negras zinidores cruzam quando elas se referem ao trabalho, não é foco do nosso estudo falar do trabalho, mas foi uma categoria que emergiu, então decidimos acrescentar a discussão nessa análise. As participantes informam que o trabalho foi e ensinamentos das gerações passadas para as gerações futuras. Mas,entendo que devido o contexto social e cultural que elas estavam inseridas nos aponta mais como mecanismo de sobrevivência no grupo familiar e social dessas mulheres. Apenas uma não trabalhou desde pequena mais afirma que sempre ajudou sua avó nos serviços domésticos quando precisava.

A falta de escolas públicas que pudessem ofertar no mínimo à educação básica para a maioria da população que encontramos excluídos dos empregos formais, devido o “elemento que indispensável à formação da força do trabalho” e que agi como integrador na sociedade (OLIVEIRA, 2000, p.308).

Naquela época o pessoal não interessava de botar os filhos no colégio, era só trabalhando de roça e de tudo. Eu estudei muito pouco, porque eu era a mais velha e trabalhava muito mais minha mãe para criar os outros mais novos. (Adalgisa, 23/11/2016).

[...] quem criou nós foi mamãe por isso que nós trabalhar muito porque mamãe que criou nós botano nós pra trabalhar porque meu pai ia pra rua de manha e só chegava de noite bêbado ai mamãe botava nós pra trabalhar [...]. (Daguia, 20/11/2016).

[...] as condições financeiras naquela época era terrível por que agente tinha que correr atrás né tinha que luta pra lavar roupa da de serviço nas casas trabalhava nas cozinhas era difícil vendia nas ruas ai era difícil né porque não tinha emprego primeiro eles os maridos da gente não estudaram da minha família memu das minhas irmãs só estudou eu de tudin que eu botava o pé na parede eu quero eu quero uma vida melhor ai eu corri atrás o que eu queria (Daguia, 20/11/2016).

A situação precária de vida dos bisavós e dos pais que vem de um passado marcado por um processo de escravidão que segregou por muito tempo e a sociedade em relação ao fenótipo negro, como também pela classe social, a negação ao direito de escolarização no tempo certo, tudo isso contribuir para os pais criarem os filhos na luta diária pelo sustento. A cultura que foi construída na relação familiar da dona Adalgisa e demais participantes foi a do trabalho, pois antes de 1930 o Brasil vivia de uma agricultura de subsistência produziu para troca e venda de mercadorias, a produção não era em grande escala, devido os equipamentos serem bastante rudimentares.

As mulheres negras e demais pessoas pobres trabalhavam nas casas da famílias que tinha posse, vendiam em porta em porta frutas, lenha para conseguir o sustento para suas famílias, e nesse tipo de trabalho eles não percebiam a necessidade de um ensino escolar. A partir de 1930 que vamos perceber a preocupação com o ensino escolar formal, devido à implantação do capitalismo industrial a forma de produção e comercialização sofreu modificações e as indústrias começaram a forçar o governo a investir na educação do povo. Na continuidade podemos ainda dizer que mesmo depois da lei áurea na sociedade brasileira existiam os mecanismos de barragem étnica evitando que os negros ocupassem patamares privilegiados em instituições (MOURA, 1988).

O trabalho para as mulheres negras zinidores não foram uma escolha foi uma herança herdada pelos pertencimentos culturais dos seus pais que não tiveram acesso a educação formal e se apropriaram apenas dos aprendizados que se deu durante as relações familiares, amigos, o meio que estava inserida. Esses conhecimentos são resultados da educação informal que “incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2010, p. 16).

Entendemos que quando as participantes narram que os pais colocavam os filhos para trabalhar, pois percebiam no trabalho um valor pelos quais se protegiam dos sistemas tradicionais que os oprimiam, já que moravam longe dos centros urbanos, e o comércio só absorvia aquelas pessoas que tinham pelo menos o primário. Então essas mulheres negras ocupavam-se dos trabalhos domésticos, artesanato, ou alugueis de seus serviços para os donos de posse como: caça lenha, carregar, matar animal, e os seus maridos trabalhavam em tarefas como fabricação de telhas, tijolos, na agricultura e construção civil. Em tempos passados e presentes famílias que tem não faz trabalho braçal, então precisavam da mão de obra de famílias pobres para executar o trabalho. Moura entende:

Formam-se em consequência, grupos específicos de resistência que, dentro de uma sociedade contraditória e conflitante, procuram, nos diversos níveis e de diversas maneiras, organizar-se para sobreviver e garantir-se contra o processo de compreensão e peneiramento econômico, social e cultural que as classes dominantes lhes impõem. (1988, p.110).

Na falta de empregos formais, as pessoas mais pobres e sem o mínimo de conteúdos que são oferecidos através da educação básica, para que elas pudessem ser inseridas no mercado de trabalho, elas procuram outras ocupações alternativas no trabalho autônomo de forma que possam sobreviver.

Trabalho desde pequenininha, eu trabalhava com doce já desde pequenininha, a gente já ia caçar caju, tratar, fazer um monte de coisa, desde pequenininha, eu nunca achei ruim, com certeza foi um ensinamento. Todo mundo de casa trabalha com doce. Parei esse ano de trabalhar (2016) em escola como cuidadora, agora to só aqui na barraca vendendo os doces. (Faiane 24/11/2016).  
Mas era difícil, era difícil porque geralmente naquela época os filhos ajudavam as mães, trabalhava, na minha família sempre trabalhavam, sempre trabalho braçal. (Fátima, 25/11/2016).

A partir do momento que a educação passa a ser entendida como um investimento que tem um retorno positivo, os sujeitos começam a entender a necessidade de ser inserido no processo educacional a fim de obter um trabalho que resulte em uma condição econômica melhor. Durkheim (1987 citado por OLIVEIRA, 2000, p. 209) “o trabalho é social.” E exige por parte das pessoas uma relação de colaboração na realização das atividades.

Eu comecei trabalhar assim, com uns 13 anos, em casa de família, mais porque eu queria ter minha independência, queria ter outras coisas, queria ter digamos o que, um calçado, uma roupa, uma coisa, a meu gosto, mais ou menos por ai assim, digamos assim, mamãe quando comprava era do gosto dela, isso aquilo outro, e ai muitas vezes você aquela coisa, você quer comprar, quer usar aquele tipo de roupa, aquele tipo de calçado, ai eu passei a trabalhar né, eu trabalhava de manhã para meio dia, e a noite eu estudava, mais ate então tava bom, ai foi entrando a idade, ficando uma pessoa com a idade mais avançada, ai você vai, começa a sair, aquela coisa toda, ai chegou ao ponto de ficar pesado,[...]. Eu trabalho de doméstica. (Luzilene, 24/11/2016)

Podemos perceber que mesmo trabalhando em casa de família a participante continuou estudando, o que demonstra pela sua atitude tem a consciência que será através da educação, que ela terá uma ascensão social. Oliveira (2000, 210), “A eficácia da educação, como instrumento de mobilidade social, não se dá a partir da mobilidade de classe, mas, sobretudo da mobilidade no interior de uma mesma classe.” Para essa autora a mobilidade social está relacionado com as mudanças de status na sociedade. Então os sujeitos precisam se perceber como protagonista das mudanças sociais, econômicas e culturais.

Eu nunca trabalhei, nem nas casas dos outros, hoje em dia é que eu vou, que minha avó trabalha em casa de família, ai que a gente vai ajudar, ai como eu estudo e só ela que banca, ai por exemplo, tem conhecidos dela que tem chácara, essas coisas a fora, ai precisa um fim de semana, ajuda, pra ta lá ajudando, ai eu vou, eu não tenho medo de trabalho, apesar de nunca ter trabalhado, eu não tenho, medo nem preguiça de trabalhar em alguma coisa não, fui criada com isso não, nunca teve mordomia, ninguém aqui nunca teve mordomia, todo mundo teve que aprender a se virar cedo, desde cedo todo mundo se vira. (Mayara, 23/11/2016).

A Mayara não trabalhou porque seus pais e avós optaram em colocar na escola mesmo em condições financeiras difíceis, podemos perceber nessa atitude que eles entendiam que a escolaridade está vinculada ao acesso no

mercado de trabalho, como também é pelo processo da educação formal que o sujeito pode ter uma mobilidade social.

## 5.2 Casamentos endogâmicos

Entendemos que os casamentos consanguíneos em primeiro momento estão relacionados pelo convívio em regiões isoladas, mas também uma forma de se manter uma identidade. Laraia (1986), os indivíduos vivem os seus costumes de acordo com suas escolhas e que os comportamentos eles vão se apresentar de acordo com o tipo de educação que tivemos. É provável que se as mulheres ou os homens tivessem opções ou contato com outras culturas que advêm de ambientes diferentes dos quais viviam envolvidos os comportamentos em relação ao casamento seria outros.

Me casei com 18 anos, com meu esposo namorei pouco tempo, parece que não foi nem um ano. Aqui casavam muito assim, primo com primo. Toda vida a gente foi unido, a gente morava aqui tudo junto, essas casas aqui todas são de irmãos, e sobrinhos, as filhas vão casando e as netas vão ficando. Agora não estão mais casando com os primos, esta mais espalhando, [...], agora casamento esta se acabando, porque antigamente ninguém ficava sem casar, mais hoje elas nem querem casar, lá em casa tem uma que os caras choram para casar e ela disse que não vai casar com ninguém, essa só quer morar uns tempos enquanto dá certo, quando não da rua,[...], esta muito difícil agora. (Adalgisa, 23/11/2016).

Casei com 15 anos era todo mundo junto que ai era tudo uma família só então ai ficava todo mundo casando com primos eu casei com meu primo Ivete casou com primo Dalgisa casou com primo Cição casou coma prima, CC casou com a prima, então! todo mundo casou com primo, ai todo mundo era reunido onde tava um, tava o outro o que um queria todo mundo todo mundo queria e assim achei a relação nossa foi muito boa foi todo mundo unido,[...]. (Daguia, 20/11/2016).

Entendemos que devido o município na década de 30 já apresentar em seu espaço geográfico uma divisão social, entre os que tinham posse e os que não tinham e as relações pessoais e profissionais de alguns grupos estarem muito ligada a questões econômicas e culturais, os casamentos aconteciam pelas relações de convívio e financeira. Ao ouvir a narrativa da Dona Adalgisa e Daguia percebemos que os casamentos entre os primos aconteciam primeiramente devido elas pertencerem à mesma classe social e participarem do mesmo meio. Em segundo porque eles construíram uma cultura própria

para Levi Strauss (1993, p.332) diz que “os homens elaboram culturas diferentes por causa do afastamento geográfico [...]”.

As semelhanças em comum, os compartilhamentos das histórias, as relações de afinidade que iam se construído por viverem todos juntos, uma relação culturalmente construída no berço familiar dos zinidores. Essas famílias zinidores viviam juntos numa ligação absoluta, pensamentos semelhantes na educação o que Bauman (2005) entende por comunidades de vida. “Comunidades humanas relativamente isoladas são por constrição geográfica endogâmicas e, ao longo da sucessão de muitas gerações, acabam por surgir determinados tipos de mutações genéticas em alguns indivíduos” (OSÓRIO, 2003, p. 9-10).

Outro ponto que vale ser ressaltado que historicamente as mulheres elas foram educadas para serem as donas do lar, cuidar dos filhos e do marido. Uma cultura que é construída no ambiente familiar, um ensinamento que é repassado na educação que os pais dão aos seus filhos, segundo Gohn (2010, p. 16) “os indivíduos pertencem a àqueles espaços segundo determinações de origem, raça/ etnia e religião etc. São valores que formam as culturas de pertencimentos nativos dos indivíduos.”

Ao se analisar a situação sem está no meio, ou fazer parte poderíamos emitir um juízo de valor em considerar bárbaros os casamentos entre parentesco, porém só se considera um horror o que não se pratica no meio cultural e social de quem analisa. As participantes expõem uma relação de união construída a partir das vivências no coletivo, os laços de amizade que os aproximaram, a infância e adolescência que passaram juntos, situações vivenciadas em comum. O que pode ser entendido como cultural, mas é importante destacar como um mecanismo de defesa contra um silêncio enraizado no senso comum de uma sociedade convencida, pelo ar de superioridade, e cordialidade de uma igualdade que não existe.

Um ponto que nos chama atenção na fala da Dona Adalgisa quando nos informam que hoje em dia as netas não estão mais casando com os primos, ela refere-se ao casamento como uma identidade da sua família, algo que os diferencia dos demais grupos sociais de Floriano- PI. Para Martinho Rodrigues (2014, p. 40), “O diferencialismo cultural supõe identidades congeladas, na forma de um ser ou não ser definitivo.”

As netas tiveram contato com outras culturas, os processos educacionais foram diferenciados. A organização de um grupo por parentesco muda caso os membros tenham contato com outros ambientes, conhecimentos, e a partir da interação com outro meio social se constrói outros aprendizados. As gerações futuras vão perdendo um pouco os laços das culturas dos seus pais e avós como podemos perceber na fala da Mayara:

Minha avó casou com primo, minha mãe não chegou a casar, ela namorou e engravidou, mas primos também, só minha outra avó que não é parente do meu avô, por isso que a gente herdou os olhos clarinhos, mais o resto tudinho, minha tia, tem filho com primo dela, aqui é desse jeito. (Mayara, 23/11/2016).

Hoje em dia não tem mais casamento entre parentesco eles nem falam mais, eu nem sei te dizer por que, por que os casamentos de antigamente, de meus avós e bisavós entre parentes, deu certo, muito certo até hoje, mais só que dos primos pra cá não deu certo, não deu certo, virou a bagunça toda, que todo casamento dá hoje em dia, ai hoje em dia ninguém incentiva não, mais antes quando a gente começava esses namoricos, tudo era entre os primo, eu mesmo já passei por essa fase, só era entre os primos, minhas primas, todo mundo, não tinha esse negócio de ta namorando com ninguém de fora não, tinha não, depois que os anos foram passando, é que a gente mudou, mais todo mundo aqui passou por isso. (Mayara, 23/11/2016).

De acordo Mary Douglas (1952, citado por Lévi Strauss, 1993, p.16), “A falta de interesse pelas reconstruções genealógicas, a ignorância geral das relações entre membros das gerações dos avôs e até dos pais.”O contato com outros meios culturais e sociais fazem o ser humano construir outros aprendizados e ter outra compreensão da educação que se teve já que o tempo e o espaço não são perceptíveis e nem explicados da mesma forma, devido os momentos históricos.

Eu não casei com parente, quer dizer, ele é parente da minha mãe, então é parente, o pai dele é pai de Augusta de Ana, só que não é por parte de pai e mãe, só de pai, mais é parente, mamãe é prima da irmã dele. Não foi todo mundo que casou com parente, mais foram muitos casais parentes, até hoje não teve problema, muito pelo contrário se deram muito foi bem, porque ate hoje os que se casaram com parente ainda tão juntos, os primos. Meus filhos não se casaram com primo [...] (Fátima, 25/11/2016)

Casei com 19 anos. Minha mãe não casou com primo, e eu, não sei se ele é primo terceiro, ou não é primo, porque esse pessoal faz uma enrolada danada, porque minha avó é irmã da avó dele. É primo. Às vezes da certo casar com primo, às vezes sim, as vezes não [...]. (Luzilene, 24/11/2016).

Namoro com meu primo distante, é bem distante, acabo seguindo a tradição da família, mamãe não. (Faiane 24/11/2016).

O que podemos perceber que devido as relações de interações com outras culturas algumas das mulheres negras zinidores foram perdendo o sentimento de pertencimento e se manter apenas naquele grupo social e cultural, já que as características do pertencimento estão relacionadas com a percepção de vínculo social. Os indivíduos eles precisam compartilhar de situações, ou momentos para construir uma relação de afinidade e proximidade.

As preocupações com o bem estar de membros daquele grupo social, o afeto demonstrando um pelos outros. Segundo Reeve (2006, citado por CERNEV e HENTSCHE, 2012, p. 92) “a interação com os outros é a primeira condição que envolve a necessidade de pertencer, pois é através dela que as pessoas se engajam em relacionamentos, afetos e preocupações mútuas.”

A necessidade de pertencer é construtor motivacional, a pessoa é motivada por situações ou experiências coletivas, ao sentirem um vínculo ao grupo social a cultura é internalizada e reconhecida por si próprio como verdadeira. Os diversos agentes sociais e os ambientes de relacionamento do sujeito influenciam na motivação dos atores, e essa motivação é perceptível nos comportamentos das pessoas.

### **5.3 Origem de lugar**

Floriano desde a sua formação pode-se perceber um caráter rural, mesmo em pleno desenvolvimento econômico, devido às residências não terem um sistema de encanação que atendesse no mínimo as necessidades básicas das pessoas. Os trabalhos manuais exercidos pelas mulheres em irem pegar baldes de água para abastecer as suas residências e das pessoas de posse demonstra um caráter rural do Município. Então entendemos que a migração de lugar para outra acontece pela necessidade de melhores condições de vida, mas também ocorreu devido à década de 30 que Floriano

estava em pleno desenvolvimento econômico pela exportação da cera da carnaúba, que gerou um alto crescimento populacional.

Eles foram morar na Vereda Grande nesse período. As construções das novas casas foram próximas de um riacho, facilitando os moradores no plantio de alimentos para o próprio consumo, como também para abastecimento de água em suas residências. Assim que chegaram ao Bairro nomearam como Vereda<sup>10</sup> Grande. Para Certeau (2002), nomear é uma forma que o homem apresenta na sua subjetividade para tomar posse ou demarcar o território. Ao mesmo tempo em que o homem nomeia a terra está dando sentido ao lugar. Como podemos perceber no trecho da fala da Dona Adalgisa e Mayara:

Meu avô morava na Manguinha, e ai migraram pra cá, porque nessa época os terrenos não eram como hoje, onde o povo briga por terra, onde o povo queria morar morava muito tempo é que as pessoas começava as forage, Ainda ficaram muitos na Manguinha, ali na frente do hospital são todas primas nossas. Muito parente nosso, é porque é muita gente, nossa família é muito grande, tanto por parte de pai, como por parte de mãe. (Adalgisa, 23/11/2016).

Meu avô foi um dos primeiros a chegar aqui dizia que como ele foi o primeiro a chegar aqui na cidade, que aqui era tudo mato e terra, que ainda não tinha casa nenhuma, ele foi o primeiro, [...]quando ele chegou aqui que foi tomar de conta das terras, ele mesmo decidiu que ia ser Vereda, ai ficou desde sempre. [...], ficou Vereda Grande, devido aqui morar só parente, veio chegar gente de fora um tempo desse, e principalmente, ficou essa vereda grande porque só eram mais era negro, até hoje só é mais é negro, os mais clarinho são os daqui de casa mesmo, conta-se os clarinhos da nossa família, sou daqui [...](Mayara, 23/11/2016).

Ao nomear como Vereda Grande o Avô de Mayara deu todo um sentido ao território, já que o significado de vereda é um caminho, podemos perceber que o termo vereda aponta para locais que ficam próximo a regiões de rios e de uma vegetação rasteira. Um processo educacional de que não passou pelo processo de escolarização e sim pela vivência e pelo senso comum que orientou sua forma de pensar e agir no momento de escolher o novo lugar.

Chamava de Vereda Grande, porque o riacho era muito forte, ai ele passava o dia todinho quando chovia que ninguém atravessava para o outro lado de lá, ai botaram o nome, as lavadeiras, os ricos aqui da rua não tinha onde lavar roupas pagavam as mulheres para vim lavar

---

<sup>10</sup> Senda. 2. fig. Rumo direção. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1990-1989. Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição, Marginada dos Anjos, marina Baird Ferreira; lexicografia, margarida dos Anjos..[et al.]. 4 ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2000

roupa aqui, [...]. Aqui era só Vereda Grande, ai botaram esse Irapuá II no meio [...](Adalgisa, 23/11/2016).

A relação dessas famílias Zinidores com a terra é marcado pelo apossamento do espaço geográfico, nessa conquista eles atribuíram todo um significado cultural, como também o sentimento de pertencimento diferenciando eles das demais regiões. Essa posse nos remete uma relação de poder, já que todos os moradores que construíram casas eram da mesma família eles tinham o controle no recurso natural que era a água do riacho. Mesmo sendo uma região periférica que ficava situada distante do centro comercial de Florianópolis aquele local tinha sido ocupado por quem não tinham posse e viviam apenas do trabalho manual na garantia do seu sustento, nesse deslocamento de região eles também buscaram traçar barreiras em relação a outros grupos sociais da cidade.

De acordo com Santos (2002, p. 317) “O espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual.” Cada pessoa que ali chegou emitiu um valor para o espaço que iriam ocupar, pois o lugar tem características particulares que envolvem os indivíduos que estão naquele ambiente.

[...] é assim memo e no meu caso eu as vezes eu tava la trabalhando ai fulando onde é que tu vai vou la pru irapua mulher tu vai pra rua do zinidor então ai é eu acho que ai é já é preconceito né ave Maria mulher pois não gosta mitas muitas vezes ainda sunto isso bem i por isso que eu digo que o preconceito nunca acaba [...](Daguia, 20/11/2016).

[...] em termo de bairro, o bairro todo tempo foi calmo, tranquilo, o negócio é que as pessoas às vezes, quando quer difamar o bairro, eles arranjam uma confusão, lá na pista, lá não sei aonde, ai falam “foi lá no zinidor”, mais muitas vezes por querer difamar [...]. Para mim tanto faz como chamam o bairro, não tenho restrição não, da na mesma, eu não me ofendo se chamar de zinidor, porque eu moro no zinidor e tenho orgulho disso, agora quando fala “aquele bairro ave Maria”, ai eu falo “mulher aquele bairro é um bairro como outro qualquer, [...]”. Eu nunca sofri preconceito por morar aqui, eu acho que a minha maneira de ser onde eu chego eu já deixo bem claro, quem eu sou, o tipo de gente que sou, ai eu acho eu por esse meu jeito de ser, nunca passei por nada disso não. (Luzilene, 24/11/2016).

É comum entre os homens a emissão de juízo de valor a partir de uma visão particular de perceber o mundo. Os comportamentos sociais eles se

apresentam através do tipo de educação que o sujeito teve, e da cultura que eles está inseridos(WEBER, 1998). Como se pode olhar para um bairro sem emitir um juízo de valor se no município os territórios era separados pelos que tinha dinheiro e os que não tinham uma segregação social em relação à posição geográfica da população. Para Laraia (1986, p.24) a “Cultura age seletivamente.”

#### **5.4 Zinidor**

Para Albuquerque Junior (2012, p. 13), “o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural.” Um discurso arrogante de quem se considera superior a outras pessoas ou por possuem bens ou morar em lugares privilegiados. Os estereótipos eles nascem de caracterização grosseira de uma pessoa em relação a diferenças de outros grupos sociais, o mesmo serve para segregar e muitas vezes baixar a auto-estima de pessoas por possuir as diferenças ou residir em lugares marginalizados.

Albuquerque(2012) diz que o estereótipo pretende apresentar a verdade do outro em poucas palavras e traça um perfil muito rápido, lendo as pessoas sempre de uma única maneira sem apresentar qualidades ou características que apresente ou outros sem ser de forma discriminatória. Ainda no pensamento do autor. o estereótipo que foi construído a partir de um perfil dos homens e mulheres negras que são considerados zinidores é uma forma de inferiorizar eles em relação aos demais, mas também foi uma forma de dizer que eles eram diferentes.

Primeiro ficaram conhecidos pela valentia. Entendemos que construir uma imagem de valente dentro de uma cidade que já tinha um processo de segregação social não deu a eles uma imagem positiva, outro fator que também atribui a termo zinidor apenas por eles falarem alto e fazer muito barulho, a maneira de falar se comportar está relacionado à cultura desse grupo social, mas também está ligada ao processo de escolarização que foram negado a essas mulheres negras, o não acesso a educação proporcionou a elas uma educação informal constituída e instituída a partir das relações coma família, amigos e comunidade.

Zinidor mesmo que os povos fala mais agente somos um povo muito unidas acho assim tudo unida as irmãs de mamãe[...]. Me chamava também eu nem zango porque é tradição mesmo chamar de zinidor. (Daguia, 20/11/2016).

O povo chamava a gente de zinidor, porque a gente tinha a mania de falar alto, ai como a gente fala alto, eles dizem que zine, ai chamou zinidor, porque a gente fala muito alto, os familiares quase todos mesmo, acho que tu já viu ali, a gente fala muito alto, ai chama zinidor,(Luzilene, 24/11/2016).

Em relação a não ligarem por serem chamadas de zinidor e nem perceberem que durante anos sofreram preconceito devido a um estereótipo que inferiorizavam pelos comportamentos marcaram eles como uma imagem não positiva de acordo com Maffesoli, os costumes, as tradições, a própria vida cotidiana organiza-se em torno de uma imagem, seja aquela criada mentalmente ou a que está visível, pois “o mundo imaginal seria, de certo modo a condição de possibilidade das imagens sociais” (1996, p. 130).

As pessoas em sua dinâmica interna criam uma imagem de si próprios e dos outros. A imagem de uma de uma pessoa ou lugar modifica-se de acordo com o tempo e a idade, a aparência da pessoa e do ambiente se transformam. Nas relações humanas existe um jogo de interações que se estabelece a partir da imagem do eu em consonância com o meio natural e social.

Os Estereótipos construídos a partir da imagem eles originam muitas formas de preconceitos que dividiram e até hoje dividi as pessoas por questões socioeconômicas, culturais, étnica e religiosa. Por mais que para essas mulheres o apelido ou termo não seja ruim mais é um preconceito que foi constituído no dia-a-dia delas.

[...] a gente não se incomodava quando chamavam zinidor não, era apelido, aqui tinha a família de Tatu, tinha de Canário, tinha a família de João Canário, que chamavam família dos Canários, porque eram cantador, e tinha a família do zinidor, porque batia muito pagode, eles tocavam muito pagode, e os ricos faziam era chamar. [...], o pessoal chamava a família de zinidor, porque eles gostavam muito de dançar pagode, brincar reis, e ai eles botaram esse nome de zinidor, porque eles andavam muito brincado não sabe? Fazia aquelas brincadeiras, e ai botaram o nome, mais ai eles não levaram a mal. O pessoa chamava as pessoas de índio, porque eles gostavam de brincar, de bater, fazia pagode, eles gostavam de fazer muito pagode sabe? E ai dançavam, tiravam reis, e ai a família grande e povo falava, dançavam o boi também. (Adalgisa, 23/11/2016).

A gente achava era engraçado, às vezes até a gente mesmo brincava, tiravam uma ondinha com nós e a gente falava, “vai, nós somos da vereda”, ai eles já se aquietavam, porque tinham medo, eu não sei os meninos mais novos, mais eu não me incomodava, porque começou eu já tava com 15 anos, eu já tava com a cabeça bem evoluída, eu nem me importava muito, levava tudo na brincadeira. Ate professor meu falava zinidor, ainda hoje minhas primas que moram aqui, as duas mais novas, sofrem isso na escola, o diretor da escola, não sei nem se pode falar isso, mais ele faz muito “só podia ser da vereda, essas meninas que não tem educação” e tal, ele fala isso, é muito preconceito, ele pensa que porque nos moramos aqui, nós temos que ser bandido, tem que ser mal educado, tem que usar droga, ele fala é muito, fala. (Mayara, 23/11/2016).

[...], o pessoal já comentava né? Dos zinidor, dos índios, que nós recebemos esse nome porque a gente fala alto, as vezes todo mundo de uma vez só...](Fátima, 25/11/2016)

Em relação a serem chamados de índios, reflete nas pessoas que ali moravam no Irapuá II, pessoas que não eram civilizados, de comportamentos grotesco e rudimentares em relação a outras pessoas. De acordo com Libâneo (2010, p. 72-73) “[...] o sentido mais recorrente de educação: uma série de ações visando à adaptação do comportamento dos indivíduos e grupos a determinadas exigências do contexto social.” A educação formal ou escolar é a modalidade de educação que é validada pela sociedade, pois a mesma segue uma normatização das formas de organização de vários tipos, tem regulamentos, leis, disciplina, utiliza de um caráter metódico, onde se espera uma aprendizagem significativas dos conhecimentos.

Quando fui estudar nas escolas que não era do bairro, tinha preconceito, o povo falava muito do bairro, porque lá também era famoso, por negócio de briga, por causa daquele reggae lá, ai o povo ficava tudo, ai povo sempre falava mal, falava mal não, ficava com medo “vixe, é do zinidor, é da Vereda”, mais depois não, agora... nunca me incomodei com isso, os alunos que falavam. Agora não tem mais isso de falar do bairro não,[...] pelo contrário, todo mundo que vai para lá, não quer mais é sair de lá, antigamente que tinha esses negócios, acho que o preconceito era mais pelo lugar, do lugar mesmo.(Faiane 24/11/2016).

A emissão do juízo de realidade da participante demonstra que ao passar pelo processo educacional ela conseguia perceber o estereótipo que foi construído em relação ao lugar que a sua família residia, as pessoas construíram conceitos prévios antes de conhecer, julgavam os comportamentos baseado em um perfil que foi traçado cheio de estigma, colocando a pessoa em um nível de inferioridade devido seus hábitos e maneira de ser e agir. Ação

educadora busca transmitir aos alunos princípios, crenças, valores, normas sociais, regras de vida que precisam ser adaptadas e ajustadas para o convívio na sociedade (LIBÂNEO, 2010) Baseado nas informações de da participante Mayara:

[...], eu não falo alto demais, porque acho que esse tempo aí, eles não frequentaram a escola, quase nenhum, e nem era isso mesmo, é porque eles se relacionavam só entre a família mesmo, ai pegou o costume deles mesmo, da parte deles não é falta de educação não, porque foi desde sempre, mais se for pra fora eu acho, super falta de educação, ate minha avó mesmo, porque ela é desse tempo, as vezes ela fala alto de mais, ai eu falo “mamãe”, porque eu chamo ela de mãe, “mamãe pelo amor de Deus” e ela “ há eu to me importando, eu sou assim mesmo”, mais nós tudinho aqui reclama, com minha avó, nós tudinho reclama, “fala baixo que vocês, pelo amor de Deus” e eles não estão nem ai. Aqui o povo fala alto, demais, demais, tem lugar aqui que você chega, você jura que ta tendo uma confusão, é não, tão conversando. (Mayara, 23/11/2016).

Ao se referir a família ela direciona o comportamento em falar alto, devido não terem frequentado a escola, demonstra que para Mayara a educação é importante na vida de uma pessoa. Pois o indivíduo se desenvolve e transforma continuamente, a educação “[...] é uma constante reconstrução ou reorganização da nossa experiência, que opera uma transformação direta na qualidade da experiência, [...], esclarece e aumenta o sentido da experiência, [...] (DEWEY, 1979, citado por LIBÂNEO, 2010, p. 75).

A educação formal ou escolar ela contribuir no desenvolvimento individual de cada ser humano, é através da mesma que a pessoa consegue insere-se no conjunto de relações políticas, culturais, econômicas e sociais de uma sociedade que é marcada por divisões de grupos sociais, onde os interesses se manifestam nas relações de poder. A educação se modifica de acordo com a época, devido ao seu “caráter socialmente determinado” a atua na formação política dos indivíduos no intuito de seres agentes de transformação da realidade existentes. (LIBÂNEO, 2010, p. 80)

## **5.5 As mulheres e o preconceito pela cor da pele**

Entendemos que o preconceito com o termo Zinidor não é apenas porque eles falavam alto, ou estereótipos construído pela valentia dos bisavós(primeira geração da família zinidor em Floriano-Pi). É também atribuir

a discriminação pela cor da pele desses homens e mulheres negros. Por mais que algumas das participantes não percebam a discriminação velada através das cordialidades, mas está implícito um preconceito pela cor da pele.

Não tinha esse negócio de negro não, os ricos daí fazia era gostar das pessoas morenas daqui, brincavam todos juntos [...]. (Adalgisa, 23/11/2016).

Eu nunca sofri preconceito com cor, nem cabelo, eu não aliso meu cabelo. Sou tímida, eu não gosto muito de falar não, até com as meninas assim, elas que são mais soltinhas, até para conversar eu falo pouco, eu gosto de conversar, mas[...] (Faiane 24/11/2016).

Nesse estudo, não íamos adentrar na discussão, mais cabe aqui acrescentar algumas reflexões em relação ao racismo, que se constituiu no mundo, no que diz respeito à cor da pele. Nesse sentido, a partir das leituras feitas, entendo o racismo, nesse estudo, como uma manifestação do indivíduo com atitudes e ações grotescas em relação a outro ser que possui a pele, o cabelo diferente do padrão construído por uma classe dominante.

Para Silva (2006) o racismo pode ser do tipo individual, que parte da crença que existem alguns homens em nível de superioridade e os outros em situação de inferioridade; e racismo institucional, que surge das práticas discriminatórias por parte do estado diretamente, como também indiretamente. O exemplo mais assertivo da discriminação por parte do estado está nas desigualdades sócias econômicas, pois as maiorias dos negros estão situadas nas regiões marginalizadas.

“O Brasil é racista e muito.” Esse racismo começou devido a condição de escravo imposta ao povo negro. Com a abolição, em 1888, a grande maioria dos ex-escravos estava nas ruas, livres e ao mesmo tempo presos, porque não tinham condições nenhuma de competir em pé de igualdade com o homem branco em postos assalariados. Um racismo que iniciou se com a escravidão e se perpetua até os dias atuais, o que muda são as formas como são manifestadas as ações do sujeito que discrimina outro por causa da diferença da cor da pele (SILVA, 2006, p. 215).

Estamos acostumados a enumerar os defeitos que foram atribuídos aos negros como formas de discriminação, interpretamos os estereótipos baseados em ideologia racista, construída na base da educação familiar. Amamos os objetos de paixões: o poder, a glória, o dinheiro e odiamos o que causa crise e

conflito nas nossas vidas, e não percebemos que o sentimento emerge desses conflitos. Da mesma forma agimos em relação ao indivíduo, a competição, a luta por igualdade de oportunidade causa conflitos entre as pessoas surgindo então um sentimento de ódio, e a forma que encontramos para não aceitar o sujeito é discriminando-o pela sua condição seja em relação ao gênero feminino, negro, pobres entre outros. De acordo com Sartre (1965 citado por RODRIGUES, 2016, p.164)

Ele explica que o costume de atribuir a indivíduos de outra raças desgraças de um país ou de um povo repousa, no fundo, na escolha a *priori* pelos raciocínios passionais, isto é, na ideia de que o mal causado a um povo não pode ter se originado neste próprio povo.

A forte conotação negativa que foi atribuída ao negro durante anos faz com que no imaginário social as pessoas achem que ser negro é coisa ruim, devido a tantos estigmas e estereótipos que foram se constituído com a imagem e a situação do negro. O processo de estigmatização ele é observável, principalmente, em grupos sociais de classe baixa e é caracterizado por uma dicotomia na aparência ou na ascendência étnica, somos sujeitos que a todo o momento estamos classificando e sendo classificados, estamos o tempo fazendo de distinções entre as pessoas, diferenciando-as pela cor da pele, condição econômica, por ser mulher dentre outros motivos (OLIVEIRA, 2006).

Esse comportamento subjetivo do indivíduo parte de um processo cognitivo que vai se tornando possível mediante a cultura que ele está inserido. Para Osório

Quando se vai, além disto, para postular que as pessoas que têm pele escura são menos capazes, ou predispostas a fazerem isto ou aquilo, não se pode mais atribuir essas desigualdades culturalmente construídas à biologia ou à genética. Ultrapassa-se a “raça” como realidade biológica e chega-se à raça como realidade sociocultural, de caráter completamente distinto. (2003, p. 11)

É visível que na população brasileira há pessoas de fenótipo, cabelo, feições e modos de pensar e agir diferente, para se construir um perfil que estigmatiza o outro, basta iniciar por aquilo que nos diferencia. Entendemos que é a partir das características diferentes do ser humano que nos permite identificar as formas de discriminação no meio social do sujeito. É a partir

dessas discriminações que entendemos que existe a presença do racismo em uma sociedade. Como podemos perceber na narrativa da Luzilene

Apenas sofri preconceito uma única vez, na casa de uma patroa minha, assim muito por alto, que ela me chamou de nega, e de uma certa forma eu já ia fazer um ano trabalhando lá, mais de uma certa forma, eu vi que ela... é aquela coisa, eu tava lá, eu acho que porque as pessoas gostavam de mim, o marido dela, o sobrinho, as cunhadas, aliás, todo mundo gostava de mim, a única pessoa que eu via que me aturava, porque quem pagava meu salário era o marido dela, porque ela não trabalhava, não fazia nada da vida, eu acho que, de uma certa forma, com o passar do tempo, foi que eu vi, que ela me aturava, porque me aturava, ai desde esse dia eu vi, ela assim dizendo "essa nega", só que tava só eu e ela na cozinha, o sobrinho dela tava na mesa já almoçando, eu digo "é", fiquei pasma, quando eu ouvi aquela palavra, mas deixei quieto, mexer com o que? Ele, eu sei que não ouviu, porque ele tava na outra sala, estava só eu e ela na cozinha, ia ser minha palavra contra a dela, ia dar em que? Em nada, se os sobrinhos dela tivesse ouvido, nenhum ia chegar a depor contra, discriminar essa atitude, todos discriminaram, não falei para meu patrão, falei só para o sobrinho dele, que morava lá, uma moça também que frequentava lá, todos ficaram pasmos, por ela ser uma pessoa estudada, que ela era professora, abrir a boca para falar uma palavra dessa, ela a tinha desistido, a tinha saído, deixado de dar aula, ela tem um...digamos o que, a maneira que ela tinha, que ela age, é de quem nunca nem tinha pegado em um caderno na vida, imagino sido uma professora, eu ainda hoje fico besta como é que ela foi professora, eu digo que naquele tempo é porque não tinha qualificação, era bem antigo o tempo que ela estudava. (Luzilene, 24/11/2016).

A herança cultural que é repassada pelo processo da educação informal, constitui uma parte do comportamento do indivíduo, as ideologias no âmbito familiar influenciam de forma positiva e negativa o sujeito, a escola enquanto instituição reforça o preconceito algumas vezes de forma direta e outras de forma indireta, já que nos livros durante muito tem só apresentava o negro como serviçal e a sua imagem sempre estava relacionada com o que era ruim. E assim vai se constituído uma superioridade entre as etnias baseado nas diferenças e posições sociais. Desde os primeiros momentos da vida de uma criança ensinamos a obedecer aos costumes e as tradições da família, a pressão que a criança sofre de todos os lados tende a modelá-las ao meio que ela convive (DURKHEIM, 2007).

A questão do racismo já vem de longas datas, um estigma da cor foi enraizado no imaginário social, orientado por ideologias racistas de dominação das elites brasileiras brancas. Infelizmente ainda temos pensamentos

atrasados que reforçam uma cultura de exclusão devido à cor da pele, inferiorizando o sujeito. Como podemos perceber no trecho da participante:

[...]questão de cor é assim essa coisa que eu acho muito difícil acabar é o racismo que ainda tem gente né [...]. Eu acho o seguinte é que deve ser pela cor assim porque o que eles tem a gente tem né [...] tem casa, hoje todo mundo tem carro, hoje todo mundo tem moto, então é por a nega é essa nega é aquela então eu acho que é a cor. (Daguia, 20/11/2016).

A educação formal ela contribui para que o negro almeje uma ascensão social e posso competir de forma igualitária no mercado de trabalho. No entanto mesmo o negro conquistando espaços e bens materiais não deixa de existir a discriminação. O preconceito é manifestado à aparência da pessoa, quando isso acontece podemos dizer que foi estabelecimento um preconceito de origem por pertencer a grupos étnicos.

Nós somos mais claros e muita gente pensa que nós nem somos daqui realmente, todo mundo pergunta, um monte de gente pergunta, por causa do meu avô por parte de mãe. As pessoas perguntam assim “tu mora onde?”, ai eu falo onde é que eu moro “no Irapuá II”, ai eu falo mesmo, na vereda, ai o povo fala assim “mais tu não é parente daquele povo”, e eu falo “sou sim”, “sou neta” “sou sobrinha” “sou tudo”. Alguns falam com preconceito, em escola a gente sofreu muito, do fundamental até o ensino médio, na hora que dizia que era daqui, o povo já se alterava, eu não sei por que, uns diziam que era por conta, de que aqui tem a fama de ter muita gente brava, tinha muito medo de chegar aqui, ainda hoje, na escola hoje não, porque a gente já tá...todo mundo já se conhece, mais quando a gente dizia “ei me dá uma carona”, “onde é que tu mora?”, “em tal lugar”, “nem lá é perigoso”, era desse jeito, até hoje tem vezes que acontece, com certeza, tem muita gente que tem preconceito. (Mayara, 23/11/2016).

A Mayara e alguns membros da sua Família não sofrem discriminação em relação à cor da pele, pois eles têm um fenótipo branco, olhos claros, no entanto sofrem a discriminação por residirem no bairro e serem da família Zinidor. O que reforça que o apelido não é só em relação aos comportamentos e sim está relacionado com a cor da pele. De acordo Cavalli-Sforza (2003, citado por OSÓRIO, 2003, p. 10) “[...]determinadas mutações pequenas podem representar vantagens para os indivíduos: assim, uma pele mais clara [...]”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa procuramos compreender a contribuição da educação informal na construção da cultura de um grupo étnico no município de Floriano, o recorte para o estudo foi o bairro Irapuá II local onde hoje residem algumas das famílias negras conhecidas como Zinidores. O tema O zinidor “silencioso” das mulheres negras em Floriano-PI, tem como objetivo geral Investigar como a educação informal contribuiu para a construção de uma cultura da mulher negra do bairro Irapuá II desse estudo tive aprendizados riquíssimos para mim enquanto pesquisadora. Esclareceu muitas dúvidas em relação aos termos gênero feminino, em específico a mulher negra no contexto da sociedade brasileira, identidade, pertencimento e identificação a partir da cultura que construiu através do processo da modalidade de educação informal.

O ser humano produz e reproduz conhecimentos a todo o momento e é através dessas relações que ressignifica a cultura, tornando-a percebível quando há uma manifestação por parte de pessoas. Atualmente, temos encontrado muitas discussões a respeito da questão da identidade, porém, é importante pararmos para refletir que a sociedade evolui e surgiram outros conceitos sobre sujeito e identidade. Com a pós-modernidade a sociedade os valores e a tradição de alguns grupos foram sendo reestruturados em detrimento das mudanças sociais e culturais.

É perceptível que entre os indivíduos exista diferença, e a mesma está nos vários aspectos culturais, cognitivos, emotivos e afetivos e, a partir dessa alteridade precisamos compreender as diferenças e aceitá-las. A cultura ela está presente em todas as sociedades constituídas a partir de um processo educacional formal e informal.

Tentamos fazer as interpretações valorizando a subjetividade de cada participante envolvida no estudo, buscando perceber a partir do contexto social e econômico as informações que vieram à tona pelas recordações que emergiram das memórias das mulheres negras. Percebemos através da pesquisa que é importante conhecer a história da nossa vida, pois a imagem que construímos de nós e dos outros está interligada ao grupo étnico que fazemos parte.

Historicamente, a mulher negra sempre sofreu discriminação em relação à cor da pele, cabelo, e gênero feminino. As condições de trabalho foram de trabalhos domésticos, artesanato ou vendedora ambulantes de mercadorias como frutas, lenhas e verduras. Essa situação é evidenciada devido um processo de escolarização que foi negado por parte do estado às pessoas que não tinham posse, como também para homens e mulheres negras. Ouvir as suas histórias foi dar voz e demonstrar o protagonismo social e cultural mesmo em condições de dificuldade tornaram essas mulheres fortes e de grande personalidade.

A mim, enquanto pesquisadora, tive o aprendizado não somente das bases teóricas que sustentaram essa discussão, mas pelas histórias vivenciadas e experimentadas por cada uma. Entendo que a cultura das mulheres zinidoras constitui-se a partir da educação informal e os saberes produzidos e construídos no dia-a-dia têm significados no individual como no coletivo. Que os estereótipos eles são traçados a todo o momento quando identificamos maneiras e comportamentos diferentes dos quais fomos ensinados.

A cultura depende do tipo de educação que tivemos, que os comportamentos, maneira de pensar e agir é guiado em alguns momentos pelas ideias de pertencimento, porém vivemos em uma sociedade que os sujeitos se relacionam uns com os outros e que desse contato, assimilamos outras culturas.

Onde encontramos o silêncio em todos os momentos no processo educacional que foram negadas, aos estereótipos que foram construídos, as discriminações que sofreram mesmo sem perceber pela questão da cor da pele e pela origem. Um silêncio em uma sociedade que segrega os atores sociais por sua condição financeira, política e cultural. Desse estudo também faço reflexões a respeito do preconceito vela que temos na sociedade, as discriminações que produzimos e reproduzimos a todo o momento.

Surpreendi com o meu preconceito velado ao discriminar a participante Mayara, quando fui entrevistá-la, deparei-me com uma moça que a pele era branca e fiz a pergunta, inconscientemente, você é mesmo da família Zinidor? Ela delicadamente respondeu sangue legítimo. Mesmo estudando a temática

percebo que ainda preciso desconstruir padrões e estereótipos construídos no passado que marcam a vida de um ser humano.

Ao caro leitor, tenho a consciência que nosso estudo não é definitivo e nem tão pouco uma verdade absoluta a respeito da temática pesquisada, mas as interpretações que aqui estão, são baseadas na visão e compreensão do aporte teórico que utilizei. No entanto, sugiro mais pesquisas que envolvam a educação informal de grupos étnicos que vivem em locais distantes a fim de percebemos a cultura de pertencimento que é construído entre os sujeitos. Ainda a ponta como sugestão entendermos os termos étnicos a partir do seu significado, como também os saberes que são produzidos e reproduzidos nas comunidades.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Preconceitos, v.3)
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BEZERRA DE MENEZES, Eduardo Diatahy. **Subjetividade, identidade e brasilidade**. XXII reunião brasileira de antropologia Brasília, 15 a 19 de julho de 2000.
- BORGES, Patrícia da Veiga. A “ideologia do embranquecimento” no telejornal da cultura. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 20, n. ½, jan./fev. 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERNEV, Francine Kemmer; HENTSCHEKE, Liane. A teoria da autodeterminação e as influências das necessidades psicológicas básicas na motivação dos professores de música. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 29, jul./dez. 2012.
- CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. **Revista latinoamericana de ciências sociais**, ano 1, n. 1, Buenos Aires.
- DEMES, Josefina. **Florianópolis: sua história, sua gente**. Teresina: Halley, 2002.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, maio/jun./jul./ago. 2000.
- FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FERRAROTTI, Franco. **Histórias e histórias de vida**. Natal: EDUFRN, 2014.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito**. – 15. ed. São Paulo : Cortez, 2008.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas.**- 1.ed., 1S.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. – São Paulo: Cortez, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** Paris: Press Universitaires de France, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LAKATOS, Maria Eva. **Fundamentos de metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEVI STRAUSS , C. **História de lince.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia pedagogos, para quê?** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências.** Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. A querela das identidades. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (orgs). **Histórias e Práticas culturais na Educação.** Fortaleza: EdUECE, 2014.

MUNANGA, kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo:** histórias línguas, culturas e civilizações – São Paulo: Global, 2009.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro.** São Paulo. Editora Ática, 1988.

OGUNBIYI, Adomair. **Mulher Negra:** uma perspectiva de gênero, raça, etnia e classe. Disponível em: <<http://unecombatearacismo.blogspot.com/2009/10/mulher-negra-uma-perspectiva-de-genero.html>>. Acesso em 17 jan. 2017.

OLIVEIRA, Danila Andrade. **Educação Básica:** gestão do trabalho e da pobreza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília, [s. e.]: 2003

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADOR, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de Vida: teoria e prática**. 2 ed. Oeiras, PT: Celta, 1999.

ROCHA, Odeth Vieira da. **Maranduba: Memórias do nordeste contada de viva voz, de mãe para filho, de avó para neto para que não se percam nossos começos e tropeços**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sindical, 1994.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**, 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTANA, José Rogério. (org.). **História da Educação: nas trilhas da pesquisa**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Rebeca de Alcântara. Algumas considerações sobre racismo brasileiro e suas conseqüências. In: VASCONCELOS, José Gerardo et. al. (org). **Entre tantos: Diversidade na Pesquisa Educacional**. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

XAVIER, Antonio Roberto. Fonte Escrita, Fonte Oral e Memória: a importância destes recursos na construção histórica. In: VASCONCELOS, José Gerardo. SANTANA, José Rogério et al. [organizadores]. **História da Educação: nas trilhas da pesquisa**. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

<https://www.ibge.gov.br/> acesso em 25/01/2016 às 21:04